

ANEXO J
ARQUEOLOGIA

Avaliação de Impacto ao Patrimônio Imaterial (RAIPI)

Municípios de Uberaba / MG

Pesquisadores responsáveis:

MS. LÚCIA DE JESUS CARDOSO OLIVEIRA JULIANI


JOB LÔBO

ENQUADRAMENTO DO EMPREENDIMENTO:

NÍVEL III

Portaria IPHAN nº 9, de 1º de março de 2017
Processo IPHAN nº **01514.002301/2016-61**

São Paulo / SP, maio de 2017



EMPREENDIMENTO:

Depósito de Fosfogesso – Compartimento G

Município de Uberaba / MG

Coordenadas UTM do polígono circular (AID) que envolve o empreendimento – Datum WGS84 = SIRGAS2000 (Fuso 23 K):

<i>198.373 m E / 7.786.461 m S</i>	<i>196.701 m E / 7.787.068 m S</i>
<i>195.790 m E / 7.788.808 m S</i>	<i>196.587 m E / 7.790.805 m S</i>
<i>198.294 m E / 7.791.535 m S</i>	<i>200.321 m E / 7.790.576 m S</i>
<i>200.321 m E / 7.790.576 m S</i>	<i>200.321 m E / 7.790.576 m S</i>

EMPREENDEDOR:

VALE FERTILIZANTES S.A.

CNPJ: 33.931.486/0014-55

Estrada da Cana, Km 11, s/n – Distrito Industrial III – Uberaba / MG – CEP: 38001-970

Tel.: (34) 3319 2387

Contato: Guilherme D. Menezes – e-mail: < guilherme.menezes@valefert.com >.

CONTRATANTE DOS SERVIÇOS DE ARQUEOLOGIA:

PÖYRY TECNOLOGIA LTDA.

CNPJ: 50.648.468/0001-65

Av. Alfredo Egídio de Souza Aranha, 100 - Bloco B - 7º andar – São Paulo / SP – CEP: 04726-170

Tel.: (11) 3472-6955

Página eletrônica: < <http://www.poyry.com.br> >.

E-mail: < forest.br@poyry.com >.

Contato: Romualdo Hirata – e-mail: < romualdo.hirata@poyry.com >

EXECUÇÃO DO PROGRAMA ARQUEOLÓGICO:

A LASCA CONSULTORIA E ACESSORIA EM ARQUEOLOGIA LTDA.

Representante Legal: Luiz Fernando de Oliveira Juliani

Escritório: Rua Alvarenga, 396 – Butantã – São Paulo / SP – CEP 05509-000

Fone / Fax: (11) 3205-0864 / 3722-0864

E-mail: < contato@alascaconsultoria.com.br >.

APOIO INSTITUCIONAL:

Museu de Ciências Naturais

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG

Av. Dom José Gaspar, 290 – Prédio 40 – Coração Eucarístico

Belo Horizonte / MG – CEP: 30535-610

Fone/Fax: (31) 3319-4152/(31) 3319-4983

E-mail: museu@pucminas.br



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
1. LEGISLAÇÃO DE PROTEÇÃO AO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO BRASILEIRO	3
2. OBJETIVOS	5
3. O EMPREENDIMENTO	5
4. O PATRIMÔNIO CULTURAL REGISTRADO OU EM PROCESSO DE REGISTRO	8
4.1. Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira	8
4.2. Congadas de Minas	9
5. METODOLOGIA E ETAPAS DA PESQUISA	11
6. DADOS E INFORMAÇÕES LEVANTADAS	32
6.1. O município de Uberaba e seus bens culturais	32
6.2. Bens culturais de natureza imaterial no bairro Baixa	41
6.3. Congadas, Moçambiques, Afoxés e Vilões de Uberaba	49
6.4. Grupos de capoeira de Uberaba	56
7. CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES	61
8. EQUIPE RESPONSÁVEL	62
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
ANEXOS	
I. Áreas de influência do empreendimento (ADA, AID e AII)	
II. Mapa de localização das Folias de Reis em Uberaba	
III. Cópia do Processo de Registro da Festa de Nossa Senhora da Conceição e São José – IPAC/MG	
IV. Fichas roteiro para diagnóstico do patrimônio cultural imaterial local	
V. Músicas da missa afro do dia 13 de maio	
VI. Credenciamento de grupos populares e tradicionais para comemorações do dia 13 de maio - Edital n.º 2/2017 - Prefeitura Municipal de Uberaba	
VII. Relação de Ternos de Congos, Moçambiques, Afoxés e Vilões - Arquivo Público de Uberaba	
VIII. Cópia digital do relatório e dos anexos (CD)	

INTRODUÇÃO

O presente volume (II) consiste na consolidação dos levantamentos relativos ao patrimônio cultural de natureza imaterial nas áreas de influência do empreendimento, conforme o disposto no Ofício/GAB/IPHAN-MG n.º 1205, de 17/05/2016, por meio do qual a Superintendência do IPHAN no estado de Minas Gerais expediu o Termo de Referência Específico – TRE para o empreendimento.

De acordo com o referido Termo de Referência, “[...] deverá ser apresentado, para avaliação pelo IPHAN, Relatório de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Imaterial (RAIPI) [...]”, considerando: (a) a existência, no município de Uberaba, da Roda de Capoeira e do Ofício de Mestre da Capoeira como bens acautelados pelo Decreto n.º 3551/2000; e a (b) instrução processual da Congada de Minas como bem em processo de acautelamento.

Deverá conter, ainda, o referido relatório, os seguintes itens: (I) mapa detalhado com todas as informações geoespaciais relevantes (delimitação das áreas de influência, localização dos bens culturais registrados, e em processo de registro, em relação ao empreendimento); (II) caracterização sociocultural, histórica e territorial da área da pesquisa, com vistas à contextualização dos bens registrados e em processo de registro; etc.

Importante ressaltar que as áreas de influência do empreendimento¹ (ADA, AID e AII) não coincidem com qualquer comunidade, bairro ou outra aglomeração urbana ou rural. Trata-se de uma área inserida no Distrito Industrial do município, cujo bairro mais próximo dista, ao menos, 5 km: o bairro rural da Baixa. Ou seja, não haverá qualquer impacto ao patrimônio imaterial acautelado.

O estudo permitiu verificar que o empreendimento não trará qualquer impacto a nenhum dos bens culturais imateriais identificados (acautelado ou não), uma vez que sua implantação ocorrerá distante do único foco ou núcleo habitacional, localizado fora da área de influência indireta (o bairro de Baixa) e das áreas urbanas onde ocorrem as manifestações e práticas culturais reconhecidas.

Ou seja, não haverá afetação da base material dos bens culturais de natureza material, não havendo, portanto, qualquer óbice à anuência do IPHAN às licenças ambientais necessárias à implantação (LI) e operação (LO) do empreendimento.

A equipe responsável pelo desenvolvimento dos estudos e elaboração do *Relatório de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Imaterial (RAIPI)*, coordenada pelo historiador e arqueólogo Marcos Rogério Ribeiro de Carvalho e pela socióloga e educadora Ana Cristina Chagas dos Anjos, dispõe de comprovada capacidade técnico-científica no desenvolvimento de estudos similares, conforme documentação anexa (Anexo II – Volume I).

¹ A área de influência de um empreendimento para um estudo ambiental pode ser descrita como o espaço passível de alterações em seus meios físico, biótico e/ou socioeconômico, decorrentes da sua implantação e/ou operação.

1. LEGISLAÇÃO DE PROTEÇÃO AO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO BRASILEIRO

O Patrimônio Cultural Brasileiro é definido pela Constituição Federal Brasileira de 1988, da seguinte forma:

Art. 216 – Constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à maioria dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

(...);

Parágrafo V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Deste modo, a Constituição Brasileira assegura ao patrimônio arqueológico, dentre outros, a categoria de patrimônio cultural a ser institucionalmente protegido. Tal condição é também reiterada pelo fato de o Brasil ser signatário de uma série de resoluções elaboradas em convenções internacionais direcionadas à atualização de conceitos, normas e práticas aplicáveis ao gerenciamento dos patrimônios culturais nacionais, tais como: a Carta de Atenas, de 1931; a Conferência UNESCO – Nova Déli, de 1956; a Carta de Veneza, de 1964; as Normas de Quito, de 1968; a 15ª Sessão da UNESCO em Paris, de 1968; a Carta de Nairóbi, de 1976; e a Carta de Burra, de 1980, entre outras.

Além das Cartas Patrimoniais, que demonstram o compromisso do Estado brasileiro de alinhar-se ao entendimento de diversas nações naquilo que se refere aos conceitos e práticas consolidadas à proteção do patrimônio cultural, diversos diplomas legais consolidam a proteção do patrimônio cultural brasileiro, dentre eles:

- Decreto-Lei n.º 25, de 30/11/1937, que organiza a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;
- Lei n.º 3.924, de 26/07/1961 (Lei da Arqueologia), que dispõe sobre o patrimônio arqueológico;
- Portaria SPHAN n.º 7, de 1º/12/1988, que estabelece os procedimentos necessários às autorizações para pesquisas arqueológicas;
- Ofício Circular PRESI/IPHAN n.º 1, de 22/02/2013, que estabelece critérios para o reconhecimento da capacidade técnico-científica dos profissionais que pretendem desenvolver estudos arqueológicos;
- Portaria Interministerial n.º 60, de 24/03/2015, que estabelece procedimentos administrativos que disciplinam a atuação dos órgãos e entidades da administração pública federal em processos de licenciamento ambiental de competência do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA;
- Instrução Normativa IPHAN n.º 1, de 25/03/2015, que estabelece procedimentos administrativos a serem observados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nos processos de licenciamento ambiental dos quais participe;

- Portaria IPHAN n.º 137, de 28/04/2016, que estabelece diretrizes de Educação Patrimonial no âmbito do IPHAN e das Casas do Patrimônio;
- Portaria IPHAN n.º 195, de 18/05/2016, que dispõe sobre procedimentos para solicitação de movimentação de bens arqueológicos em território nacional;
- Portaria IPHAN n.º 196, de 18/05/2016, que dispõe sobre a conservação de bens arqueológicos móveis, cria o Cadastro Nacional de Instituições de Guarda e Pesquisa, o Termo de Recebimento de Coleções Arqueológicas e a Ficha de Cadastro de Bem Arqueológico Móvel;
- Portaria IPHAN n.º 197, de 18/05/2016, que dispõe sobre Procedimentos para Solicitação de Remessa de Material Arqueológico para Análise no Exterior;
- Portaria n.º IPHAN n.º 199, de 18/05/2016, que cria a Coordenação Técnica Nacional de Licenciamento, no âmbito do Gabinete da Presidência do IPHAN; dentre outros.

Destaca-se, entretanto, que os instrumentos que, efetivamente, motivaram e orientaram a elaboração do *Relatório de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Imaterial (RAIPI)*, são:

Decreto n.º 3.551, de 4/8/2000:

Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências.

Instrução Normativa IPHAN n.º 1/2015:

*Art. 13. As Superintendências Estaduais ou a Sede Nacional receberão, para avaliação, o **Relatório de Avaliação de Impacto aos Bens Culturais Tombados, Valorados e Registrados presentes na AID**, que deverá conter:*

[...]

III - localização georreferenciada dos bens culturais imateriais acautelados e comunidades a eles associadas;

IV- caracterização, contextualização e avaliação da situação do patrimônio imaterial acautelado, assim como dos bens culturais a ele associados;

V - avaliação das ameaças ou impactos sobre o patrimônio material e imaterial acautelado;

VI - proposição de medidas para a preservação e salvaguarda do patrimônio material e imaterial acautelado;

VII - proposição de medidas para controlar e mitigar os impactos provocados pelo empreendimento; [...].

2. OBJETIVOS

Os objetivos do projeto, naquilo que se refere aos bens culturais de natureza imaterial constantes no Termo de Referência expedido pelo IPHAN, são:

- Georreferenciar os bens culturais registrados e em processo de registro em relação às áreas diretamente afetada (ADA) e de influência direta (AID) do empreendimento;
- Caracterizar a área do empreendimento sob o aspecto sociocultural, histórico e territorial com vistas à contextualização dos bens culturais registrados e em processo de registro;
- Elaborar descrição histórico-cultural dos bens registrados e em processo de registro enfatizando sua constituição como referência para a memória e identidade local;
- Relacionar, caso pertinente, os bens registrados e em processo de registro com outros bens existentes no município;
- Caracterizar, de forma objetiva, o potencial de impacto do empreendimento sobre os bens registrados ou em processo de registro;
- Indicar ações de salvaguarda caso sejam observados impactos ao patrimônio cultural de natureza imaterial;
- Relatar as etapas da pesquisa com a identificação dos interlocutores em campo.

3. O EMPREENDIMENTO

O empreendimento em questão trata da implantação da ampliação de depósito de fosfogesso, denominado "Compartimento G", classificado pela Deliberação Normativa COPAM nº. 74/2004 como "outras formas de tratamento ou disposição de resíduos não listadas ou não classificadas" (F-05-15-0 Classe 6), que ocupará uma área total estimada de cerca de 242 ha.

Com relação à localização do Compartimento G, destaca-se a proximidade da área escolhida com o Complexo Industrial de Uberaba (CIU1), uma vez que o fosfogesso gerado na unidade deve ser bombeado juntamente com água para ser estocado nas pilhas. Além disso, o CIU1 já conta com toda a infraestrutura necessária para tratamento dos efluentes e disposição no corpo receptor; estradas de acesso; escritórios de apoio; entre outras facilidades de gestão e operação das pilhas.

A imagem a seguir apresenta a poligonal da área abrangida pelo projeto, considerando a AID do empreendimento, e as imagens que se seguem destacam aspectos do Distrito Industrial e seu entorno.

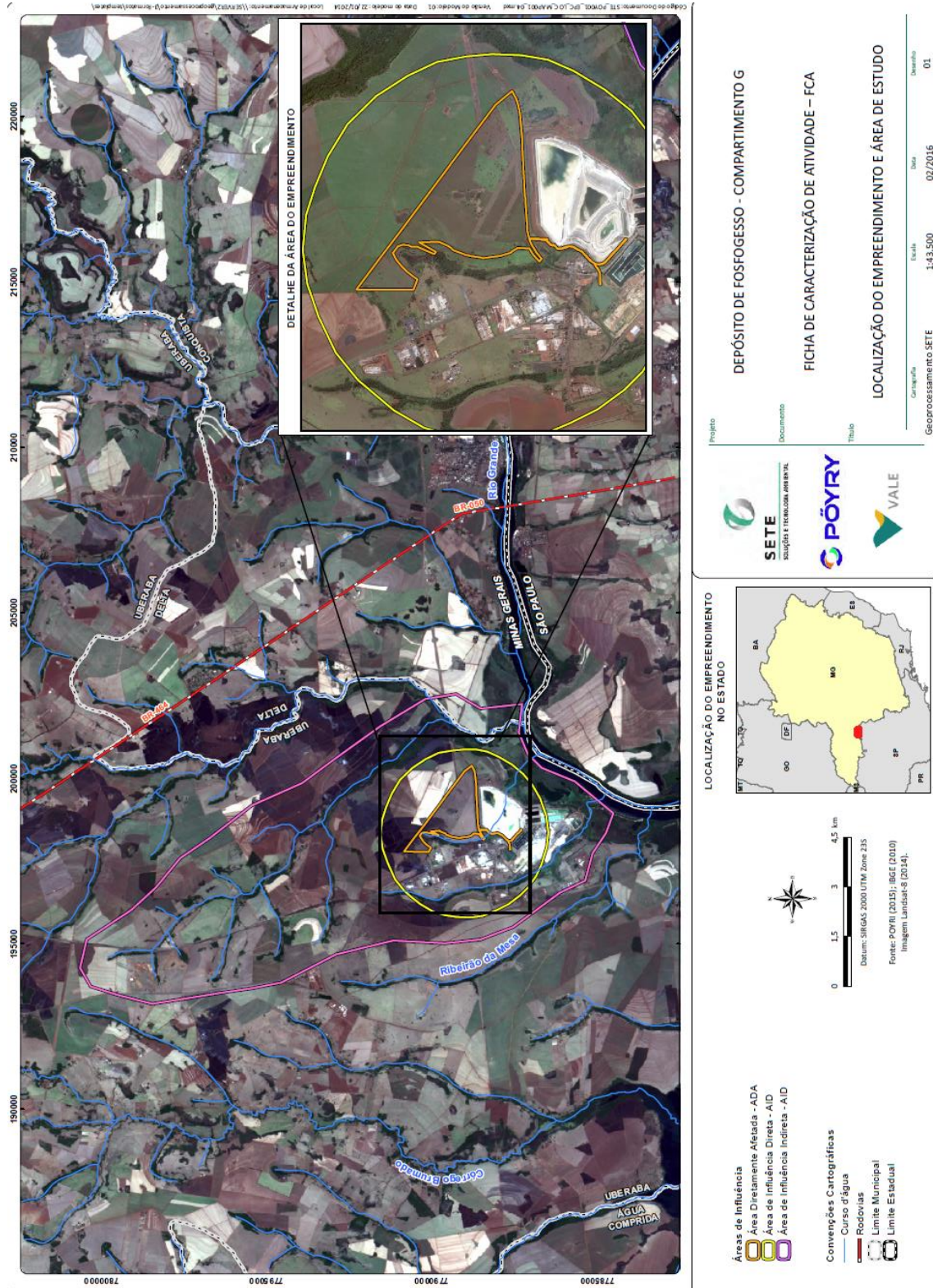


Figura 1: Localização do empreendimento e área de estudo. Fonte: Arquivo digital STE_POY001_EPC_LOC_MAP001_04 (material fornecido pelo empreendedor) .



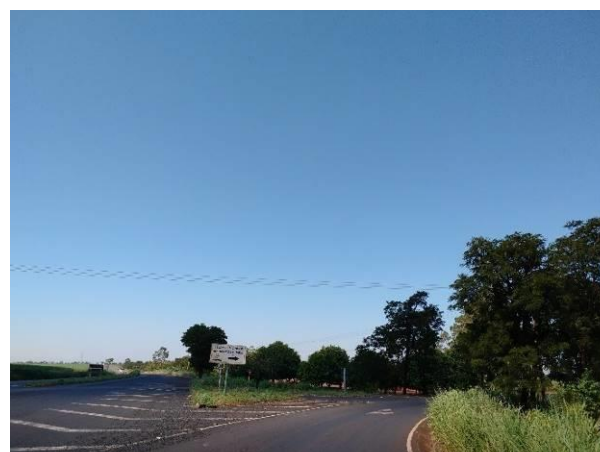
Figura 2: Distrito Industrial III, sede do empreendimento, visto da estrada de ligação com Uberaba – MG.



Figura 3: Plantio de cana de açúcar visto da estrada de ligação de Uberaba ao Distrito Industrial III.



Figuras 4 e 5: Estrada de ligação de Uberaba ao Distrito Industrial III.



Figuras 6 e 7: Acesso ao bairro rural de Baixa (comunidade mais próxima do empreendimento) na estrada de ligação de Uberaba ao Distrito Industrial



Figuras 8 e 9: Ruas de acesso do Distrito Industrial III - Uberaba – MG.

4. O PATRIMÔNIO CULTURAL REGISTRADO OU EM PROCESSO DE REGISTRO

Importante destacar que não foi identificada qualquer referência cultural relacionada aos bens registrados, ou em processo de registro, nas áreas de influência do empreendimento. O empreendimento consiste, conforme explicitado no capítulo anterior, na ampliação de depósito de fosfogesso, localizado em área adequada para este uso, distante, pelo menos, 5 km, do bairro mais próximo: o bairro rural da Baixa (local aonde foram desenvolvidas as pesquisas).

Destaca-se, ainda, que o bairro rural da Baixa localiza-se fora da área de influência indireta (AII) do empreendimento, ou seja, fora do escopo da Instrução Normativa n.º 1/2015, uma vez que os estudos referentes à avaliação de impacto ao patrimônio cultural de natureza imaterial acautelado, limitam-se à área de influência direta (AID) do empreendimento (ver Anexo I).

Ainda assim optou-se pela execução do levantamento no referido bairro e no restante do município de Uberaba, de forma a verificar a incidência das referências acauteladas, bem como a potencialidade de impacto que poderia provocar a ampliação do depósito de fosfogesso, ou seja, a implantação do empreendimento em referência.

4.1. Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira

O Registro da Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira, respectivamente inscritos nos Livros de Registro das Formas de Expressão e dos Saberes em 15 de julho de 2008, abarca a manifestação cultural em todo o território nacional. Tratam-se de expressões culturais presentes em todos os estados da Federação e, cuja a ação institucional para o seu reconhecimento e salvaguarda envolveu, e ainda envolve, uma série de atores, tais como: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e Fundação Palmares.

Para o IPHAN

A Roda de Capoeira é um elemento estruturante de uma manifestação cultural, espaço e tempo, onde se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana - notadamente banto - recriados no Brasil. Profundamente ritualizada, a roda de capoeira congrega cantigas e movimentos que expressam uma visão de mundo, uma hierarquia e um código de ética que são compartilhados pelo grupo. Na roda de capoeira se batizam os iniciantes, se formam e se consagram os grandes mestres, se transmitem e se reiteram práticas e valores afro-brasileiros.

(<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66.>)

Em 2014 a Roda de Capoeira alcançou reconhecimento internacional como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. O reconhecimento aconteceu na 9ª Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda, em Paris.

Como forma de mapear o universo da Capoeira no Brasil o IPHAN criou o Cadastro Nacional da Capoeira. Este cadastro objetiva identificar os mestres, professores, instrutores, grupos, pesquisadores, instituições de pesquisa e entidades que agregam grupos de capoeira.

4.2. Congadas de Minas

Congado ou Congada é uma forma de celebração da devoção a Nossa Senhora do Rosário e/ou São Benedito, Santa Efigênia e outros santos da devoção católica. Como em outras experiências religiosas no Brasil, o Congado também guarda relações com as formas expressas na religiosidade africana. Muitos congadeiros preferem dizer Reinado de Nossa Senhora do Rosário. O IPHAN está realizando o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) dessa manifestação cultural.

A Congada é composta por uma série de rituais, danças, cantos sagrados e abundantes refeições, tudo harmonizado ao som de pandeiros, caixas e sanfonas. A manifestação aglutina uma diversidade de sons, formas, movimentos, coreografias e adereços multicoloridos, como fitas, brilhos, colares (rosários) entre outros.

As homenagens proferidas a Virgem do Rosário são conhecidas na cidade de Santo Antônio do Monte - MG como “festa de reinado”, mas em outras regiões do país pode receber o nome de “congadas”, como demonstram pesquisas realizadas por alguns estudiosos (SANTOS, 2016)

Existe uma semelhança entre os termos Congos, Congada e Congado. A denominação congo é mais usada no Norte e Nordeste, designando a totalidade do auto; pode também designar uma guarda ou terno como em Minas Gerais (GOMES; PEREIRA, 2000. p. 183).

Em 2008 foi encaminhado ao presidente do Iphan um ofício do prefeito municipal de Uberlândia solicitando o reconhecimento das Congadas de Minas como patrimônio cultural do Brasil. A solicitação foi acompanhada de cartas de apoio dos municípios de Uberaba, Campos Altos, Ibiá, Frutal e Monte Alegre de Minas, e da Associação dos Congos e Moçambiques Nossa Senhora do Rosário de Ibiá, que reiteram a importância dessa expressão religiosa e cultural no estado.

Após uma série de deliberações junto à prefeitura de Uberlândia e ao IPHAN, em 2011 foi enviada cópia do processo de registro das Congadas de Minas para a Superintendência do IPHAN em Minas Gerais que, desde então, ficou responsável pelas pesquisas e encaminhamentos necessários à instrução do referido processo.

5. METODOLOGIA E ETAPAS DA PESQUISA

O patrimônio cultural de natureza imaterial é representado por todas as formas de expressão e todos aqueles saberes vinculados ao modo de “criar, fazer e viver” que façam referência à identidade e à memória dos diversos grupos sociais. Reúne a língua, danças, canções, música, celebrações, artesanato, literatura, artes plásticas, cinema, televisão, humor, cozinha e o “próprio modo de ser e interpretar a vida” (CUNHA, 2004).

Os bens imateriais, como patrimônio cultural, devem abranger:

(...) práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhe são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (UNESCO, 2003).

E enquadram-se em categorias definidas para os Livros de Registros pelo referido Decreto Federal nº 3.551, de 4/8/2000, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, criando o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas. (BRASIL, 2000).

A partir de 2000, que o Ministério da Cultura (MinC) assumiu a realização de projetos de valorização, por meio da implantação do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI), sob responsabilidade do IPHAN.

O PNPI - Programa Nacional de Patrimônio Imaterial viabilizou projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção do patrimônio cultural de natureza imaterial criando o Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC, como instrumento de preservação e metodologia de documentação da cultura, e o Registro dos Bens Culturais, caracterizado como ato oficial de reconhecimento de saberes e práticas culturais que são consideradas fundamentais para a identidade dos grupos sociais. Registrar um bem cultural significa inscrevê-lo num dos mencionados Livros de Registros existentes. (IPHAN, 2000)

O Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC passou a organizar as chamadas referências culturais nesses quatro Livros de Registro criados pelo PNPI, tomando os grupos

e as comunidades como partícipes do processo de identificação e documentação de suas referências culturais (IPHAN, 2000).

Para o IPHAN (IPHAN, 2000), o inventariar permite descrever minuciosamente e, num certo sentido, também revelar e difundir, pois prevê a incorporação da documentação produzida a um banco de dados de acesso público. O propósito do inventário:

“(...) é valorizar a diversidade cultural que caracteriza a sociedade brasileira, reconhecendo a autodeterminação dos grupos e dos povos formadores do Brasil. O Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC é um poderoso instrumento, porque sua realização depende sempre da concordância e participação direta dos grupos contemplados, e seu foco é a identificação dos fazeres e saberes das comunidades, mais do que dos bens culturais em si. O objetivo do INRC é identificar e documentar, por meio de relatos, fotografias e filmes, aquilo que os membros de uma comunidade consideram fundamentos de seu modo de ser e ver o mundo, fundamentos de sua identidade” (IPHAN, 2000).

De acordo com o Manual de aplicação do INRC (IPHAN, 2000, p.14), as informações relativas aos bens culturais podem ser apreendidas a partir de manifestações materiais, ou “suportes”, tais como: sítios, monumentos, conjuntos urbanos, artefatos, relatos, ritos, práticas, entre outros, porém, o que os caracteriza enquanto “referencial cultural” é o valor a eles atribuído pelos membros do grupo e por isso lhes confere identidade. (IPHAN, 2000)

Assim, o processo de identificação dos referenciais culturais para a Avaliação de Impacto ao Patrimônio Imaterial nas áreas de influência do empreendimento Projeto Depósito de Fosfogesso procurou considerar os sujeitos envolvidos não somente como meros informantes, mas sim como intérpretes e importantes para apreender e compreender melhor quais bens e práticas culturais são significativos e como se dá o processo de ressemantização por parte do grupo.

De um modo geral levantou-se as informações necessárias à avaliação de impacto a partir das três principais fontes: (1) entrevistas com representantes do poder público e de entidades locais; (2) levantamentos e avaliação dos impactos aos bens culturais imateriais; e (3) comunidades detentoras dos bens.

A Avaliação de Impacto ao Patrimônio Imaterial foi desenvolvida a partir de duas etapas:

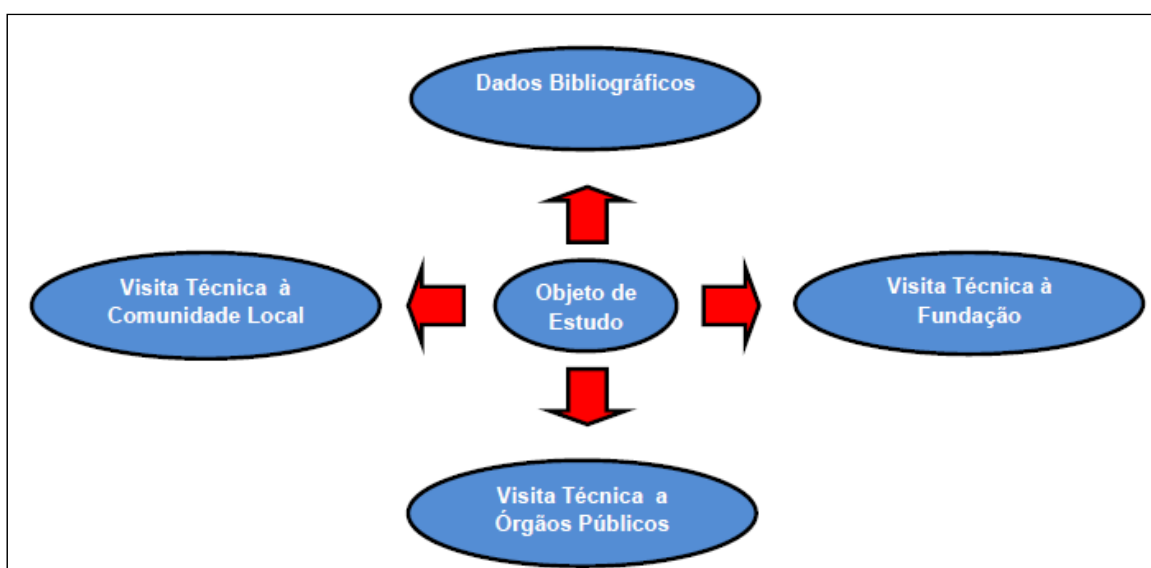
- 1) Pesquisa de material bibliográfico (fontes secundárias) e dados disponíveis no sítio eletrônico da Prefeitura Municipal de Uberaba - MG e de seu órgão de preservação do patrimônio local: Fundação Cultural de Uberaba/CONPHAU – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba; e no Cadastro Nacional de Bens Tombados do IPHAN (Superintendência Regional em Minas Gerais) e do IEPHA – Instituto Estadual de Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais;
- 2) Trabalho de campo, que compreendeu o desenvolvimento de entrevistas e conversas informais, na comunidade vizinha ao empreendimento, chamada de Bairro Rural da Baixa, e junto aos organizadores e responsáveis (“Generais” e “Capitães”) dos Ternos de Congos, Moçambiques, Afoxés e Vilões de Uberaba participantes da Festa de 13

de Maio de 2017, como também reuniões e visitas técnicas à Fundação Cultural de Uberaba e CONPHAU e à Biblioteca Municipal “Bernardo Guimarães”.

Na primeira etapa da pesquisa foram levantados os bens inventariados e tombados, especialmente pelo órgão de preservação do patrimônio cultural de Uberaba – CONPHAU e pelo IEPHA, como também aqueles registrados e/ou com atribuição de valor por instituições ou grupos independentes locais. No trabalho de campo da segunda etapa, esses bens foram identificados, registrados e ampliados para a melhor avaliação se seriam ou não e/ou como seriam impactados.

O quadro a seguir apresenta a estruturação da pesquisa:

Quadro 1: Estruturação de pesquisa.



O estudo procurou, na sua segunda etapa, realizar visitas técnicas à área do empreendimento, localizada no Distrito Industrial III do município de Uberaba, e seu entorno, bem como às entidades religiosas e comunidades locais nas suas proximidades, detentoras de bens imateriais, para avaliação se elas e seus bens seriam de alguma forma impactados.

Procurou também participar da Festa de 13 de Maio Uberaba 2017, com encontro de Congadas, Moçambiques, Afoxés e Vilões, na casa dos Festeiros 2017, Ângela Maria e Igor Renato, do Congo Minas Brasil - Terno de Joaquim Teodoro e Vicente Mapuaba, que foi chamado de Verde – Amarelo e é um dos congos mais antigos de Uberaba (FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA, 2000).

Assim, no caminhamento da área do empreendimento e seu entorno, além de porções de terras caracterizadas por grandes cultivos monocultores de cana de açúcar, foi possível verificar a presença do bairro rural: Comunidade de Baixa.

A incursão de campo realizada foi responsável pelas seguintes ações:

- Caminhamento da área do empreendimento, para identificação de comunidades locais próximas;
- Visita *in loco* da comunidade do bairro rural de Baixa, identificada a cerca de 5km do empreendimento e participação da Festa de 13 de Maio Uberaba 2017;
- Entrevistas qualitativas com os atores sociais do bairro rural de Baixa: representantes do poder público (Presidente do Bairro), da Igreja católica local de São José e Nossa Senhora da Conceição e entidades locais (Associação dos Produtores Rurais de Baixa); liderança comunitária e participantes/organizadores das manifestações religiosas e populares identificadas (festeiros, violeiros); bem como com os “generais e capitães” dos Ternos de Congos, Moçambiques, Vilões e Afoxés, reunidos na Festa 13 de Maio Uberaba 2017, e representantes e membros da Associação de Congadas e Moçambiques, Afoxés e Vilões de Uberaba - ACOMAVU e do Conselho de Participação e Integração da Comunidade Afro Brasileira.
- Levantamento de bibliografia e produções locais relativas à história das manifestações culturais identificadas em Baixa, sobre as Congadas, Moçambiques, Afoxés e Vilões de Uberaba, e aquelas em geral da região e do município.

As entrevistas e/ou conversas informais, nas áreas de influência do empreendimento, sobre os Bens Culturais de Natureza Imaterial, para a avaliação de impactos, foram realizadas tendo por base uma abordagem fundamentada na participação ativa dos grupos sociais detentores e produtores dos bens culturais: as Metodologias Participativas e/ou Colaborativas.

As metodologias participativas e colaborativas visam à construção de processos colaborativos e enfatizam a troca de saberes e experiências entre sujeitos e os atores envolvidos no processo. Visam a construir e estimular processos de colaboração e interconexões entre pessoas, ideias e ações (JACOBI; FRANCO, 2011).

As práticas participativas contribuem para que diferentes atores compreendam melhor as percepções dos outros sujeitos envolvidos sobre os problemas, melhorando as relações entre os participantes. Proporcionam a base para colaboração e interconexão (JACOBI; FRANCO, 2011; JACOBI; TOLEDO, 2012).

Os métodos qualitativos para a pesquisa possibilitam também a apreensão das dimensões subjetivas de sentido e sua complexidade em diferentes contextos de investigação. Numa pesquisa qualitativa, de caráter aberto e dialógico, muitas são as situações observadas, vivenciadas, novas, frutos do dinamismo das interações, dos entrelaçamentos que o campo, em constante interação com os sujeitos, propõe (FRANCO et al, 2010).

São as palavras-chave das metodologias participativas, que podem se desenvolver no contexto de experiências formais e/ou não formais de convivência, como a escola, museus,

as associações de bairro, Unidades Básicas de Saúde (UBS's), igrejas, agremiações, Comitês de Bacias, Organizações Não-Governamentais (ONG's), fomentando encontros e processos de informação, sensibilização e mobilização desses espaços públicos para a participação reflexiva e crítica de uma diversidade de atores sociais locais, e que deram suporte à abordagem adotada nas ações: a reflexão, o diálogo, a implicação, o envolvimento, a colaboração, a negociação, a co-construção, o engajamento e a corresponsabilização. (FRANCO, 2006; FRANCO et al, 2010).

Assim, o procedimento da coleta de dados de campo adotou o registro de informações por meio de diálogos e encontros informais com os entrevistados. Esta estratégia se mostrou bastante eficaz, pois procurou estabelecer uma relação mais próxima com o informante.

As entrevistas foram feitas por intermédio de bate papos informais e encontros e reuniões, com o auxílio de um Roteiro de Perguntas, para a anotação das informações, e com gravação de áudio dos diálogos e posterior passagem dos dados para fichas padrão de coleta (no Anexo IV desse Relatório).

As evidências das entrevistas foram resultado do registro fotográfico e da anotação de informações de identificação dos informantes, tais como: nome (completo), endereço e telefone para contato, também inseridas nas fichas.

Foi a partir da perspectiva dos bens culturais e das relações das pessoas reveladas e informadas por eles e da colaboração e participação de atores sociais locais detentores desses bens culturais de natureza imaterial, considerando a voz desses sujeitos não apenas para registro e posterior interpretação, que o estudo promoveu o levantamento e a avaliação de impactos, os quais revelaram não só a riqueza desse patrimônio, como também sua característica de não poder ser tratado como algo isolado da vida das pessoas. O patrimônio envolve também a transmissão de valores para futuras gerações (ARÉVALO, 2013).

A pesquisa teve também objetivos e metas de interesse coletivo, pois procurou oferecer subsídios para o conhecimento e reconhecimento de problemas, soluções, direitos e deveres, bem como para o desenvolvimento de ações práticas e intervenções sociais relacionados à temática patrimonial.

O que se espera com o uso de ferramentas participativas é a Aprendizagem Social, que enfatiza a colaboração entre os diferentes atores sociais, estimula o diálogo, motiva a formar um pensamento crítico, criativo e sintonizado com a necessidade de propor respostas para o futuro (JACOBI; FRANCO, 2011).

A Aprendizagem Social deve contemplar o reconhecimento da interdependência dos atores sociais; a interação entre os atores; transparência e confiança; auto-reflexão crítica; percepção compartilhada dos problemas e soluções; desenvolvimento e valorização crítica das soluções possíveis; processo decisório conjunto, com base na reciprocidade; e instrumentos e meios para promover a implantação das decisões (HARMONICOP, 2003).

As Figuras a seguir apresentam aspectos do bairro rural de Baixa, identificado no caminhamento da área ocupada pelo empreendimento e seu entorno, da Festa 13 de Maio Uberaba 2017, como também das entrevistas junto à comunidade de Baixa e junto aos

festeiros dos Ternos de Congos, Moçambiques, Afoxés e Vilões de Uberaba, reunidos na referida Festa, e das visitas técnicas desenvolvidas no município de Uberaba.



Figura 10: Aterro sanitário na estrada de acesso ao bairro Baixa - Distrito Industrial III.



Figura 11: Plantio de cana-de-açúcar na estrada de acesso ao bairro Baixa - Distrito Industrial III.



Figura 12: Igreja de São José e Nossa Senhora da Conceição no bairro Baixa, Uberaba – MG.



Figura 13: Igreja de São José e Nossa Senhora da Conceição no bairro Baixa, Uberaba – MG.



Figura 14: Rancho de Baixa, local de realização das festividades culturais populares do bairro.



Figura 15: UBS do bairro de Baixa.



Figura 16: Centro de Processamento de Alimentos de Baixa.



Figura 17: Associação dos Produtores Rurais de Baixa.



Figura 18: Faixa convite para a Feira Rural na Associação dos Produtores Rurais de Baixa.



Figura 19: Entrevista com o Sr. Antônio Augusto S. Fidelis, Presidente da Associação dos Produtores Rurais de Baixa.



Figura 20: Entrevista com o Sr. Antônio Augusto S. Fidelis, Presidente da Associação dos Produtores Rurais de Baixa e que já foi festeiro da Festa de S. José e N. S da Conceição.



Figura 21: Placa sobre a Festa dos Santos Reis na Associação dos Produtores Rurais de Baixa.



Figura 22: Entrevista com o Sr. Adão Francisco da Silva, festeiro da Festa de Santos Reis, bairro Baixa.



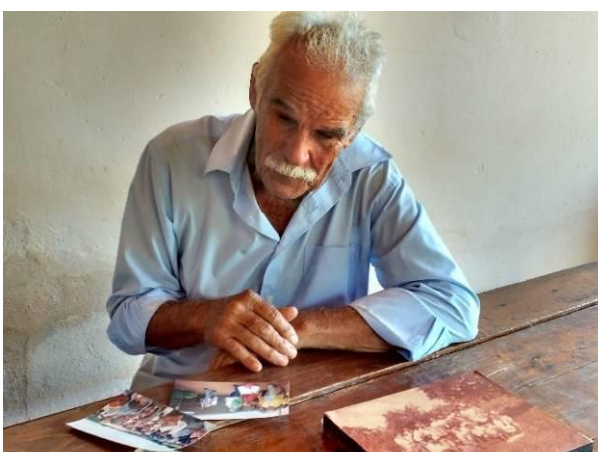
Figura 23: Entrevista com o Presidente de Bairro, Sr. Ademar Nicodemus Filho.



Figura 24: Entrada da fazenda do Sr. Nevito de Oliveira, tradicional festeiro do bairro de Baixa.



Figura 25: Entrevista com o Sr. Nevito de Oliveira e sua esposa D. Dalva, responsáveis pelas festas dos Santos Reis de Uberaba.



Figuras 26 e 27: Aspecto da entrevista com o Sr. Nevito de Oliveira e sua esposa D. Dalva.



Figuras 28 e 29: Biblioteca Municipal “Bernardo Guimarães”, Uberaba – MG.

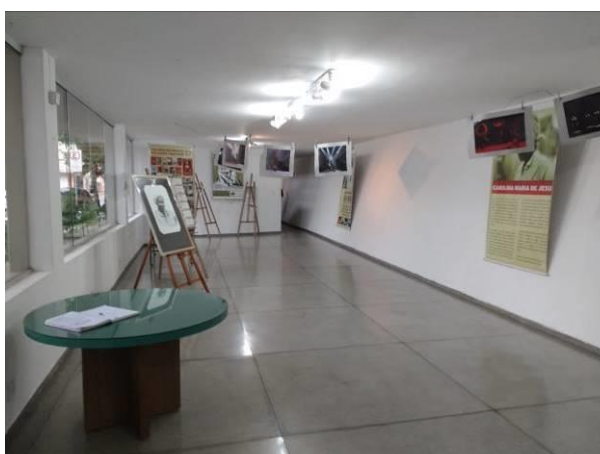


Figura 30: Exposição sobre Carolina Maria de Jesus, no saguão da Biblioteca Municipal “Bernardo Guimarães”.



Figura 31: Retrato de Carolina Maria de Jesus exibido na exposição, no saguão da Biblioteca Municipal “Bernardo Guimarães”.



Figura 32: Biblioteca Municipal “Bernardo Guimarães”, Uberaba – MG..



Figura 33: Publicação sobre a história de Uberaba no acervo da Biblioteca Municipal “Bernardo Guimarães”, Uberaba – MG.

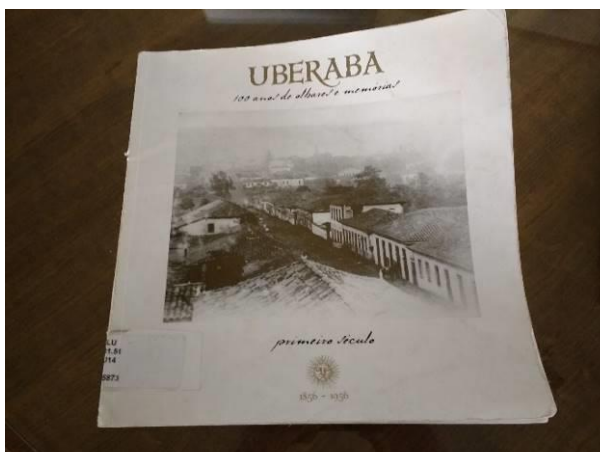


Figura 34: Publicação sobre a história de Uberaba no acervo da Biblioteca Municipal “Bernardo Guimarães”, Uberaba – MG.

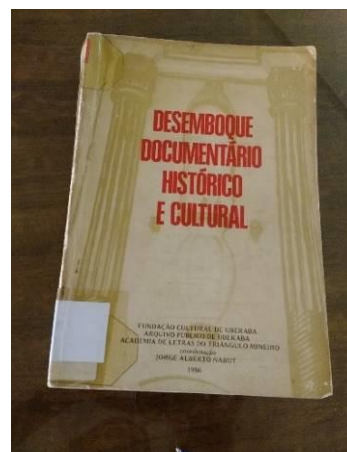
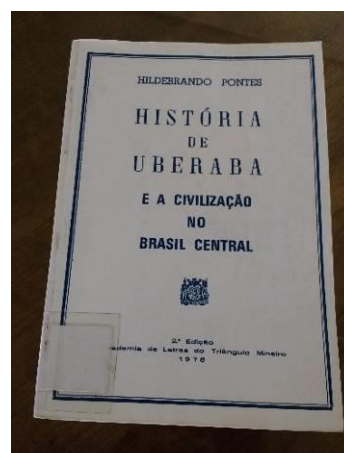


Figura 35: Publicação sobre Uberaba no acervo da Biblioteca Municipal “Bernardo Guimarães”, Uberaba – MG.



Figuras 36 e 37: Publicação sobre a história de Uberaba no acervo da Biblioteca Municipal “Bernardo Guimarães”, Uberaba – MG.



Figura 38: Fundação Cultural de Uberaba.



Figura 39: Entrevista com Luciana Maluf Vilela e Maria Aparecida Manzan do CONPHAU, na Fundação Cultural de Uberaba.



Figura 40: Exposição permanente sobre as Folia na Fundação Cultural de Uberaba.

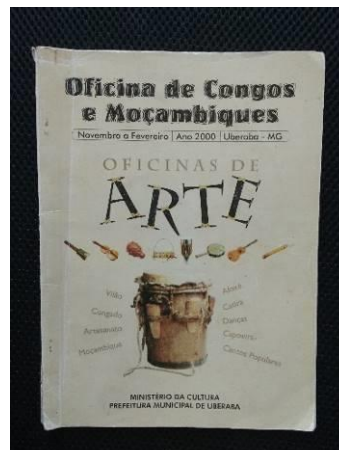


Figura 41: Publicação produzida pela Fundação Cultural de Uberaba sobre os Congos e Moçambiques.

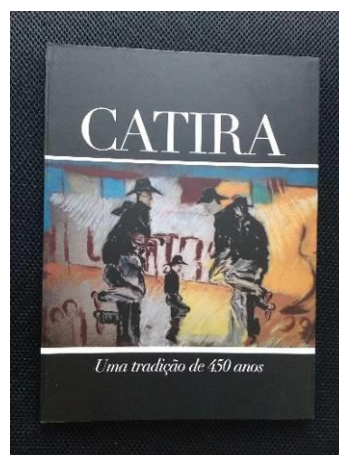
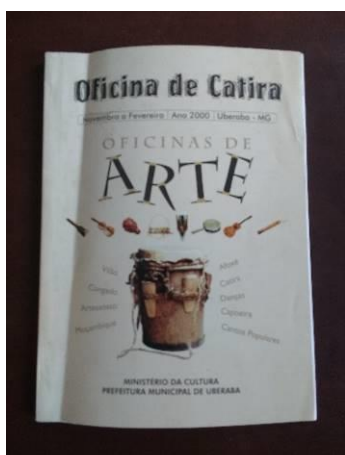


Figura 42 e 43: Publicações produzidas pela Fundação Cultural de Uberaba sobre a Catira.



Figura 44: Publicação produzida pela Fundação Cultural de Uberaba/CONPHAU sobre o patrimônio material e imaterial de Uberaba



Figura 45: Processo de Registro da Festa de São Jose e Nossa Senhora da Conceição de Baixa, pelo CONPHAU.



Figura 46: Cartaz de divulgação da Festividade 13 de Maio Uberaba 2017



Figura 47: Entrevista com o Sr. Evaldo Alves Cardoso (“Saruka”) do Conselho de Participação e Integração da Comunidade Afrobrasileira de Uberaba.



Figura 48: Preparativos para a Festa de 13 de Maio, na sede da Fundação Cultural de Uberaba.



Figura 49: Entrevista com Elizabete Alves da Fundação Cultural de Uberaba e da família dos festeiros do 13 de Maio de 2017.



Figura 50: Terno de Moçambique Moisés Mizael na Festa 13 de Maio 2017.



Figura 51: Entrevista com o Sr. Moisés Mizael do Moçambique Moisés Mizael.



Figura 52: Terno de Moçambique Cruzeiro do Sul, na Festa 13 de Maio 2017.



Figura 53: Terno de Moçambique Cruzeiro do Sul, na Festa 13 de Maio 2017.



Figura 54: Terno de Moçambique Cruzeiro do Sul.



Figura 55: Entrevista com o Sr. José Gabriel de Oliveira do Terno de Moçambique Cruzeiro do Sul.



Figura 56: Afoxé Ilê Asé Elegbo na Festa 13 de Maio 2017.



Figura 57: Entrevista ao Sr. João Luiz dos Santos Filho do Afoxé Ilê Asé Elegbo.



Figura 58: Afoxé Ilê Asé Elegbo.



Figura 59: Apresentação do Grupo de Capoeira Águias 2000 aos festeiros.



Figura 60: Grupo de Capoeira Águias 2000.



Figura 61: Terno de Congo José do Patrocínio.



Figura 62: Entrevista com o Sr. Rogério Cândido da Silva do Terno de Congo José do Patrocínio.



Figura 63: Terno de Congada Cana Branca Penacho da Ema.



Figura 64: Entrevista com Dona Olinda Esperança Inocêncio do Terno de Congada Cana Branca Penacho da Ema.



Figura 65: Terno de Congada Zé Baiano.



Figura 66: Terno de Congada Zé Baiano.



Figura 67: Terno de Moçambique Nicolau Mateus.



Figura 68: Entrevista com Wellington Xavier Alves do Terno de Moçambique Nicolau Mateus.



Figura 69: Terno de Congada de Quatro Pé.



Figura 70: Terno de Congada de Quatro Pé.



Figura 71: Entrevista com o Sr. José Adriano do Terno de Congada de Quatro Pé.



Figura 72: Terno de Congado do Penacho.



Figura 73: Terno de Congado do Penacho.



Figura 74: Sr. Admilson Honorato e família do Terno de Congada do Penacho.



Figura 75: Batalhão Nossa Senhora do Rosário.



Figura 76: Batalhão Nossa Senhora do Rosário.



Figura 77: Entrevista com a Sr.^a Maria Isabel do Batalhão Nossa Senhora do Rosário.



Figura 78: Terno de Moçambique.



Figura 79: Terno de Moçambique.



Figura 80: Terno de Moçambique.



Figura 81: Terno de Congadas Os Carijós.



Figura 82: Terno de Congada Os Carijós.



Figura 83: Entrevista com a Sr.^a Bruno Rafael da Silva do Terno de Congada Os Carijós.



Figura 84: Família do Sr. Bruno Rafael da Silva do Terno de Congada Os Carijós.



Figura 85: Moçambique Zumbi dos Palmares.



Figura 86: Entrevista com o Sr. José Reinaldo Teixeira do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares.



Figura 87: Cortejo até a Igreja de Santa Terezinha.



Figura 88: Cortejo até a Igreja de Santa Terezinha.



Figura 89: Cortejo até a Igreja de Santa Terezinha.



Figura 90: Cortejo até a Igreja de Santa Terezinha.



Figura 91: Cerimônia na Igreja de Santa Terezinha.



Figura 92: Cerimônia na Igreja de Santa Terezinha.



Figura 93: Cerimônia na Igreja de Santa Terezinha.



Figura 94: Cerimônia na Igreja de Santa Terezinha.



Figura 95: Cerimônia na Igreja de Santa Terezinha.



Figura 96: Cerimônia na Igreja de Santa Terezinha.



Figura 97: Cerimônia na Igreja de Santa Terezinha. Figura 98: Cerimônia na Igreja de Santa Terezinha.



Figura 99: Local do almoço dos convidados no Centro de Turismo Etnico Sebastião Mapuaba do Terno de Congada Minas Brasil. Figura 100: Entrevista com o Vitor Alves, coordenador dos cursos de formação para crianças do Terno de Congada Minas Brasil.

6. DADOS E INFORMAÇÕES LEVANTADAS

6.1. O município de Uberaba e seus bens culturais

O processo de ocupação do território de Uberaba teve início na primeira fase do século XIX, com a chegada de pessoas vindas das minas de ouro e diamante já em decadência. (CONPHAU, s/d).

A formação de Santo Antônio e São Sebastião de Uberaba, em 1812, deveu-se à expansão das fronteiras de exploração a Oeste de Desemboque. O Julgado de Nossa Senhora do Desterro do Desemboque, que foi criado em 1766, sob a administração de Goiás, era rico em minas auríferas e teve seu esplendor em 1781, quando as minas se esgotaram.

O governo de Goiás, em 1809, nomeou Antônio Eustáquio da Silva Oliveira (natural de Ouro Preto) para a função de Comandante Regente dos Sertões da Farinha Podre (região do Triângulo Mineiro), que, em 1810, liderou uma Bandeira até o Rio da Prata, passando por terras de Uberaba. Outra expedição chefiada por José Francisco Azevedo atingiu a cabeceira do Ribeirão do Lajeado (Córrego Lageado), fundando o Arraial da Capelinha (ou do Lajeado), aproximadamente a 15 km do Rio Uberaba, habitado por colonizadores emigrados de Nossa Senhora do Desterro do Desemboque. (CONPHAU, s/d).

Esses moradores logo ergueram uma Capela com os Oragos Santo Antônio e São Sebastião, às margens do Córrego Lageado, que foi transferida, por volta de 1815 a 1817, para as proximidades do Córrego da Lages; em 1818, fora benzida pelo padre Hermógenes Cassimiro de Araújo Brunswick, do Desemboque.

Segundo Pontes (apud CONPHAU, s/d), na visita ao núcleo (Arraial da Capelinha) onde se estabeleceram os sertanistas que vieram com José Francisco de Azevedo, o major Eustáquio notou a falta de recursos naturais e se voltou às terras aldeanas da reserva indígena da Estrada do Anhanguera, criada por Pires de Campos, na margem do Córrego das Lages e ali construiu sua fazenda (onde hoje é a Fazenda Experimental da EPAMIG) e sua casa de morada (hoje Praça Rui Barbosa, Hotel Chaves), atraindo muitos moradores do Arraial da Capelinha, que migraram para essa região, e que se tornou o núcleo originário da cidade de Uberaba.

O arraial é composto de umas trinta casas espalhadas nas duas margens do riacho (Córrego da Laje) e todas, sem exceção, haviam sido recém construídas sendo que algumas ainda estavam inacabadas quando ali passei. Muitas delas eram espaçosas e feitas com esmero (...). Os habitantes do lugar estavam tentando conseguir com que o Governo Central elevasse o arraial a sede de paróquia. (SAINT HILAIRE, 1975, p.128 apud CONPHAU, s/d, p.30).

Segundo o CONPHAU, o local preciso da capela benzida é onde hoje está a Escola Estadual Minas Gerais, no bairro São Benedito.

Santo Antônio e São Sebastião de Uberaba era, em 1812, “porta de entrada” para os sertões do Brasil central (CONPHAU, s/d, p.31). Como “Porto do Sertão” (COUTINHO, 1992),

Uberaba teve mais de 2.500 carros de bois, além de tropas de burros, que distribuíam no sertão e traziam deste o que o trem de ferro passou a transportar a partir de 1889.

O fato de ter surgido à margem de uma estrada importante, no limiar do Sertão, fez com que a primeira atividade econômica do novo Arraial fosse agricultura, para subsistência de sua população e para o abastecimento das tropas que por aqui passavam (COUTINHO, 1992 apud CONPHAU, s/d, p.31).

Seu território compreendia quase a totalidade das terras da região denominada de Triângulo Mineiro, na sua porção à Oeste do Rio Araguaí, que foi fragmentada quando da emancipação dos municípios.

No processo de registro da Festa de São José e de Nossa Senhora da Conceição como Patrimônio Cultural Imaterial (CONPHAU, s/d), a Estrada do Anhanguera, fazendo remetência ao texto “Uberaba Matriz da Civilização do Brasil Central”, do historiador Pedro dos Reis Coutinho (COUTINHO, 1992), também é apresentada como ponto de referência para o surgimento do pequeno arraial, que depois se tornou entreposto comercial:

No coração do Brasil, no ponto de origem de todo o sistema geodésico Sul Americano, em pleno Sertão bravio, ‘nas terras mais férteis da América’, segundo opinião de um viajante que por aqui passou em 1827, no espaço compreendido entre os rios Grande e Paraíba, no vale do Rio Uberaba, surgiu, na 2ª. década do século XX, um pequeno Arraial, às margens da Estrada que o bandeirante Anhanguera construíra para extrair o ouro goiano. Esse arraial se chamou Farinha Podre (1818) e, em apenas quatro décadas, mereceu título de cidade (1856), só atribuído aos povoados possuidores de riqueza, desenvolvimento e importância comprovados (COUTINHO, 1992, s/d apud CONPHAU, s/d, p. 30).

Em 1820, Uberaba é elevada à Freguesia e a sua Capela, à condição de Matriz. Em 1836, torna-se vila e ganha um rossio (praça onde o povo se encontra para buscar água e fazer pequenos comércio) e uma nova Igreja Matriz. . Essa segunda igreja matriz, com duas torres, que começou a ser construída em 1836, é onde hoje se localiza a Catedral Metropolitana também na Praça Central, Rui Barbosa. (CONPHAU, s/d).

A data de 02/03/1820, quando a cidade foi elevada à Freguesia de Santo Antônio e São Sebastião de Uberaba, passou a ser oficialmente quando se comemora o seu aniversário. Anteriormente, a data de aniversário da cidade era 02 de maio e reportava ao título de Cidade atribuído à Vila, sede do município, em 1856.

A data coincidia com o mês da realização da Exposição de Gado e foi mudada por historiadores do Arquivo Público de Uberaba, nos anos 1990, que desenvolveram pesquisas científicas para identificar outra data de importante significação histórica.(CONPHAU, s/d).

Uberaba foi crescendo e as terras foram sendo ocupadas formando-se extensas propriedades, devido ao baixo valor da terra e isenção de impostos sobre elas. Em pouco tempo reuniu-se seleta população de agricultores, pecuaristas e comerciantes e outras profissões.

A historiadora Eliane Marquez de Resende destaca que, “em decorrência de sua posição geográfica e com o incremento das atividades pastoris, Uberaba tornou-se, já na

primeira metade do século XIX, passagem obrigatória dos mercadores, resultando disso o constante crescimento de seu povoado e sua proteção como entreposto de comércio de gado vacum” (RESENDE, 1991, p.30 apud CONPHAU, s/d).

Uberaba, no século XIX, “foi centro abastecedor e consumidor de mercadorias para Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso” (COUTINHO, 1992 apud CONPHAU, s/d).

Na década de 1930, o Brasil se tornava um dos grandes exportadores de carne bovina e Uberaba, um dos principais centros de criação. Em 1932, um grupo de jornalistas começa a editar a revista A Rural, veículo de destaque na divulgação das atividades econômicas relacionadas à agropecuária e, em 1935, é aberta a Primeira Exposição de Zebu.

A pecuária é uma das atividades econômicas que mais identifica o empresariado uberabense, ao longo de sua história. Já em 1819 havia criadores com 500 e até 1000 cabeças de gado. O centro produtor se amplia, aos poucos, como centro comercial: o Uberabense é intermediário do gado produzido nas províncias de Goiás e Mato Grosso, passando a ser o invernista que preparava o gado para a comercialização (COUTINHO, 1992 apud CONPHAU, s/d, p.32).

O sucesso da pecuária zebuína para a economia local também na década de 1940, que perdurou até sua crise em 1945, no fim da Segunda Guerra Mundial, fora representado pelo desenvolvimento da cidade. A riqueza econômica refletiu na estrutura urbana, onde surgiram requintadas construções no estilo eclético.

Nesse intervalo da história, Uberaba usufruía dos serviços dos cines Capitólio e Alhambra, tomara parte efetiva do movimento denominado Revolução de 30 (que elevou ao poder Getúlio Dornelles Vargas), dispunha do Cine São Luiz, participara da Revolução Constitucionalista de 1932, fundara a Rádio Sociedade do Triângulo Mineiro – PRE-5, inaugurara o Instituto Pasteur de Uberaba (primeiro serviço de pesquisas clínicas instalado na cidade), inaugurara o Sanatório Espírita de Uberaba, iniciara as obras de canalização do córrego das Lages (entre as ruas Artur Machado e Segismundo Mendes), fundara o Instituto de Cegos do Brasil Central, fundara o Instituto Superior de Cultura, inaugurara o Hospital de Beneficência Portuguesa. Assistira ao início das pesquisas paleontológicas (procedidas no Município pelo cientista Llewellyn Ivor Price), e, sobretudo, no ano de 1948, inaugurara as Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro, de Enfermagem Frei Eugênio e de Filosofia Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (CONPHAU, s/d, p.42).

Uberaba ganhara o Hotel Regina, no prédio mais moderna da cidade; o Hotel Metrópole, em 1941; o Cassino da Exposição, o Parque Fernando Costa, a Fazenda Experimental de Criação Getúlio Vargas e a Usina Hidrelétrica Pai Joaquim; o Aero clube de Uberaba; a Associação Comercial e Industrial de Uberaba. (CONPHAU, s/d).

Uberaba, em 1840, passou a sediar uma Comarca para distribuir a justiça na região. A importância regional da Vila de Santo Antônio de Uberaba era próspera e ela recebeu o título de Cidade em 1856, tornando-se um importante centro comercial que se acentuou com a inauguração da Estrada de Ferro em 1889; acontecimento facilitador da imigração europeia para a cidade e do desenvolvimento da pecuária zebuína.

Foi uma oligarquia de criadores de gado que, em meados de 1875, introduziu os primeiros exemplares das raças indianas: o Zebu. E Uberaba se tornou sede da maior feira

pecuária, tecnologia e genética zebuína do mundo: a Expozebu, que, promovida desde 1935, no Parque Fernando Costa, trata-se hoje de um evento tradicional no Brasil.

A partir de 1890, vemos a atividade pecuária buscando a melhoria da qualidade bovina que se criava. Desta iniciativa nasce a zebuicultura, que projeta o criatório uberabense e transforma Uberaba em centro difusor de tecnologia e pesquisa genética das raças de origem indiana. Hoje o município tem 50% de sua área utilizada por pecuaristas explorando a produção de gado para leite e corte (COUTINHO, 1992 apud CONPHAU, s/d, p. 32).

No século XX, Uberaba se tornou o centro abastecedor de exportação de gado a outras regiões do país. (CONPHAU, s/d).

A opção pela importação do gado zebu, da Índia, acabou se mostrando a melhor e este fato foi, em certa medida, determinante para o crescimento desta atividade na cidade e na região, pois a raça que passou a se desenvolver aqui provocou impactos na pecuária em todo o país; este é um dos fatores que trouxe ao país a possibilidade de desenvolvimento de suas exportações de carne bovina (CONPHAU, s/d. p.32).

Segundo Coutinho (1992 apud CONPHAU, s/d), “a partir da chegada do Trem de Ferro, em 1889, e com ele dos imigrantes, que sua agricultura entrou definitivamente para o rol das atividades economicamente mais importantes do município”.

As fazendas possuíam um contingente considerável de escravos – base do modo de produção naquele período – e os pequenos proprietários, com dificuldade de pagar os preços dos escravos, especialmente com o final do tráfico negreiro em 1850, optavam pela mão de obra do índio. (Resende, 1991).

A extensão da linha ferroviária de Campinas (linha de ferro Mogiana), em São Paulo, a Uberaba, no final do século XIX, foi determinante para a vinda de imigrantes – sobretudo, italianos, mas também espanhóis, portugueses, árabes, asiáticos e alemães - para a região, para as fazendas de café de Sacramento e Conquista e outras culturais e atividades em Uberaba, especialmente para o seu comércio. (MANZAN, 1995 apud CONPHAU, s/d).

A industrialização de Uberaba- “(...) sem perder sua importante produção agrícola e pecuária, sem deixar de ter um comércio dinâmico, mantendo seu status de grande centro cultural” - começa significativamente nos anos 1970, com a construção das usinas hidrelétricas da bacia do Rio Grande, que passaram a garantir o abastecimento de energia aos empreendimentos industriais instalados (CONPHAU, s/d, p.49).

Em 1968, foi implantado o primeiro Distrito Industrial do Município: o DI – I, com destaque às áreas dos fertilizantes e defensivos agrícolas. A partir de 1974, com a criação da Valefértil, que teve início a implantação do complexo petroquímico de fertilizantes na área desapropriada e destinada para o DI – III.

Efetivamente, mesmo que um pouco atrasada em relação a outras da região, devido à falta crônica e histórica de energia elétrica, a cidade começa a experimentar o seu desenvolvimento industrial, com a fundação dos distritos próprios para esta atividade (CONPHAU, s/d, p.49).

Hoje Uberaba representa um centro comercial dinâmico, uma agricultura produtiva, um parque industrial diversificado e uma planejada estrutura urbana.

A evolução urbana e sua dinâmica econômica aliada ao comércio de Uberaba podem ser percebidas na configuração do centro da cidade, nos casarões e outros bens histórico-culturais que, ainda que possuem alguns dos seus exemplares tombados (Figuras 1 e 2 e Quadro 1 a seguir), são alvo de abandono e depredações.



Figura 1: Mercado Municipal de Uberaba – MG, com tombamento municipal.



Figura 2: Igreja Santa Rita com tombamento federal, no município de Uberaba – MG – sede do Museu de Arte Sacra de Uberaba.

O Quadro a seguir apresenta informações sobre os bens culturais reconhecidos pelas três esferas de poder, União, Estado e Município, no município de Uberaba:

Quadro 1: bens culturais reconhecidos no município de Uberaba, estado de Minas Gerais.

Bem Cultural	Categoria	Observação
Anjos Tocheiros	BM	Bens Móveis / Bens Móveis Integrados
Banda de Música do Quarto Batalhão da Polícia Militar	RI	Registro Imaterial
Caieira do Meio	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Cine Teatro Vera Cruz	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Conjunto Arquitetônico do Sesiminas – Centro Cultural José M. Barra (3,80 ha)	CP	Conjuntos Paisagísticos Urbanos e Naturais
Conjunto Arquitetônico e Paisagístico de Peirópolis e Estação (28,2743 ha)	CP	Conjuntos Paisagísticos Urbanos e Naturais
Escola Estadual Brasil	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Escola Estadual Minas Gerais	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro - antiga Penitenciária de Uberaba	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas

Bem Cultural	Categoria	Observação
Fazenda Experimental de Criação - Getúlio Vargas (20ha)	CP	Conjuntos Paisagísticos Urbanos e Naturais
Fazenda Indaiá	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Festa Nossa Senhora da Conceição e de São José da Baixa (Celebrações)	RI	Registro Imaterial
Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro - antiga Santa Casa de Misericórdia de Uberaba	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Igreja de Santa Rita	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas Tombamento Federal
Igreja Metodista	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Igreja São Domingos	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Imagem Santa Rita da Igreja de Santa Rita dos Impossíveis - praça Manuel Terra s/nº	BM	Bens Móveis / Bens Móveis Integrados
Indumentárias Eclesiásticas	BM	Bens Móveis / Bens Móveis Integrados
Máquina da Mogiana - "Maria Fumaça" - praça Dr. José Pereira Rebouças	BM	Bens Móveis / Bens Móveis Integrados
Mercado Municipal de Uberaba	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Modo de Fazer o Sino artesanal da Fundação Artística Sinos Uberaba - FASU (saberes)	RI	Registro Imaterial
Paço Municipal Major Eustáquio - Câmara Municipal	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Palacete Antônio Pedro Naves	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Palacete José Caetano Borges	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Palacete São Luiz - Palácio Episcopal	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Prédio dos Correios	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Relógio da praça Dr. Jorge Frange	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Residência da praça Rui Barbosa nº 14 - Solar dos Castro Cunha	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Residência Particular - rua Vigário Silva nº 119	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Residência Particular – rua Vigário Silva nº 25	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Residência Particular (atual Centro de Artesanato de Uberaba)- rua Senador Pena nº 358/ 362	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Residência Pedro Salomão	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Roda de Capoeira e/ou Ofício de Mestre da Capoeira	RI *7	Registro Imaterial Registro Federal
Sanatório Espírita de Uberaba	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas
Vila dos Eucaliptos (atual Museu de Arte Decorativa)	BI	Bens Imóveis - Estruturas Arquitetônicas isoladas

É de 1984 a lei municipal para a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba e que instituiu o Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico. Em 1985, foi criado o Arquivo Público de Uberaba.

O Arquivo publica os Cadernos de Folclore com pesquisas sobre as manifestações culturais (Patrimônio Cultural Imaterial) de Uberaba. Nas Figuras 48 e 49 a seguir, estão duas dessas publicações sobre as Foliás e Festas de Santos Reis de Uberaba.

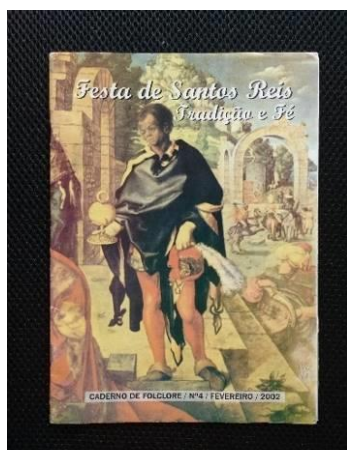


Figura 3: Caderno de Folclore - Publicação do Arquivo Público de Uberaba sobre a Festa de Santos Reis.

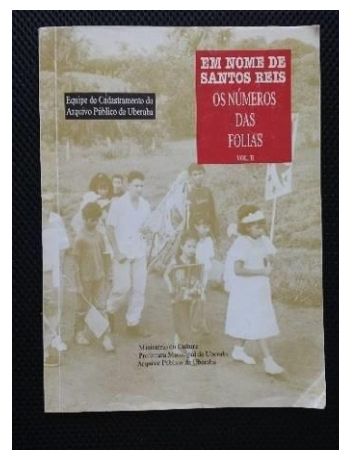


Figura 4: Pesquisa do Arquivo Público de Uberaba sobre as Foliás em Uberaba - MG.

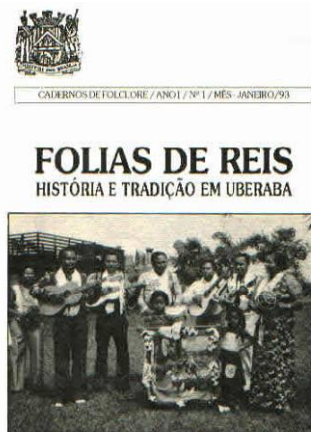
Dentre as festividades de Uberaba, destacam-se a Folia de Reis e a Festa de Santos Reis, os Grupos de Moçambiques e Congos e a Catira. A Folia de Reis – também conhecida por Reisado e Festas dos Santos Reis – tem registro do seu aparecimento na zona rural, especialmente no distrito da Baixa, na década de 1870.

Segundo o Inventário do Patrimônio Cultural de Uberaba (2012), há registro de companhias locais de Folia de Reis em atividade há mais de 140 anos.

Uberaba é o município brasileiro em que há maior número de Companhias (Ternos) de Foliás de Reis em atividade. Em 2012, o Inventário contou mais de 200 grupos (FUNDAÇÃO CULTURAL UBERABA, 2012).

No dia 13 de maio, em Uberaba, e nas festividades de Nossa Senhora do Rosário, em outubro, os Ternos de Congo, Moçambique e Vilões saem em cortejos com reis e rainhas, dançando e desfilando pelas ruas da cidade e se encontram na Igreja Santa Terezinha.

Cerca de 18 Ternos (Moçambiques, Vilões e Congados) reúnem-se anualmente para homenagear os santos que lembram a luta contra o preconceito racial: Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.



Figuras 5 e 6: Publicação do Arquivo Público sobre as Folias de Reis e ruínas da Igreja de São Domingos – também um dos pontos de encontro das Congadas, Moçambiques e Companhias (Ternos) de Folias da cidade.

Segundo o Padre Fabiano Roberto Silva dos Santos, da Paróquia do Santíssimo Sacramento (Igreja Adoração) de Uberaba (A LASCA, 2013), além das Folias de Reis que acontecem em bairros e/ou distritos do Município, como o de Baixa, Santa Maria, Abadia, Fabrício e Boa Vista, são várias as festividades religiosas existentes em Uberaba que são realizadas na região central da cidade, tais como: a de Corpus Christ, que ocorre nas imediações da Igreja Santíssimo Sacramento; a Festa Santíssimo Sacramento; a Festa da Medalha; a Tradicional Semana Santa.

A festa de Nossa Senhora da Conceição e São José da Baixa – registrada pelo CONPHAU como Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Uberaba, dentro das Celebrações, em razão dos seus valores religiosos e sócio-culturais (CONPHAU, s/d) – é realizada nos últimos dias do mês de julho, também no bairro rural de Baixa. A devoção à Nossa Senhora da Conceição “é um traço da cultura religiosa transportada de Portugal para o Brasil, ainda no tempo colonial” (CONPHAU, s/d, p.107).

Outra festa tradicional de Uberaba é a da Nossa Senhora da Abadia – padroeira da cidade e da Arquidiocese. Com mais de 130 anos, a festa é realizada entre os dias 1º e 15 de agosto. A Nossa Senhora da Abadia foi formalmente instituída como padroeira de Uberaba em 2007, pela lei municipal nº 10.196 (FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA, 2012).

A Catira também é uma manifestação cultural importante em Uberaba. Nascida nas roças das regiões de Goiás, Minas Gerais e interior de São Paulo, surgiu, em Uberaba, ainda no século XIX. Sua origem remete às culturas europeias, africanas e indígenas. (FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA, 2012)

Originalmente a catira nasceu na zona rural, onde, após um dia de trabalho em mutirão, serviam-se refeições e bebidas a todos os participantes, num evento animado com danças e batuques. Com o passar do tempo os meeiros, agregados, empregados e empreiteiros que formavam a população rural foram se transferindo para a zona urbana e, conseqüentemente, levaram consigo a catira (FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA, 2012, p.129)

A dança consolidou-se como uma das manifestações artísticas de maior expressão na cidade, que hoje é palco do Festival Nacional de Catira.



Figura 7: Outdoor de divulgação do 2º. Festival Nacional de Catira na cidade, em 2013. (A LASCA, 2013)

Em 2010, a Banda de Música do 4º Batalhão de Polícia Militar de Minas Gerais, com sede em Uberaba desde 1909 - quando a lei nº 490, reorganizou a Brigada Policial de Minas Gerais e formou quatro Batalhões, subdivididos em 16 Companhias - foi registrada como Patrimônio Cultural Imaterial de Uberaba.

6.2. Bens culturais de natureza imaterial no bairro Baixa

O bairro de Baixa, localizado na zona rural do município de Uberaba, ao sul, nas proximidades do Rio Grande, recebeu o nome de Baixa (ou Posse), por se apresentar como uma região próxima ao Rio Grande e formar um extenso vale de terras baixas, preferidas pelos agricultores:

Desde os primórdios da colonização, no início do século XIX, os agropecuaristas, ou geralistas como eram chamados [os imigrantes provenientes das zonas auríferas da província de MG], escolheram apossar-se de terras naquele lugar (CONPHAU, s/d, p. 5)

As primeiras referências ao povoado de Baixa são encontradas nos registros de viajantes europeus, como o Barão de Eschewege (1816), Saint Hilaire (1819) e Luiz D'Alincourt (1825):

Baixa, uma pequena Aldeia indígena com 14 pessoas é a única área habitada da redondeza, que é inigualável quanto à sua comodidade, beleza e fertilidade. (...) o assentamento de 80 fazendas, nos últimos 3 ou 4 anos e, no Arraial da Capelinha, foram construídas 26 casas. Mesmo os índios de Uberaba reconhecem a fecundidade de sua região e não apenas pagam sozinhos o dízimo ao Rei pontualmente, como também mantêm os religiosos com meios próprios [...] (Barão de Eschewege in: CONPHAU, s/d, p.93)

Com história também relacionada com a mineração de Goiás, e como Uberaba, Baixa surgiu como aldeamento indígena, instalado pelos colonizadores, ao longo da estrada que ligava São Paulo às minas de ouro da Província de Goiás, após as guerras de Pires de Campos contra os Caiapós, e que cresceu muito, chegando a atingir uma população de 100 índios, no século XVIII, ocasionando, inclusive, a transferência do posto de alfândega do Rio Grande, na dívida com o Estado de São Paulo, para a Baixa, através de um Porto localizado no Córrego da Espinha, afluente do Rio Grande. (CONPHAU, s/d).

Pires de Campos recebeu do governador de Goiás uma faixa de terras de uma légua e meia de cada lado da estrada, entre os rios Paranaíba e Grande, onde estabeleceu alguns aldeamentos como forma de proteção contra possíveis ataques de caiapós remanescentes. (...) Os três principais aldeamentos, segundo Bustamante (2002), foram Estiva, Piçarrão e Boa Vista. Os demais surgiram da dispersão dessa população aldeada de seus núcleos iniciais. Dessa forma originou-se o Aldeamento da Baixa, entre 1775 e 1800 (CONPHAU, s/d).

Na segunda metade do século XIX, os aldeamentos indígenas já não eram mais existentes na região, e o povoado era caracterizado pela miscigenação entre os índios e a população rural.

Em 1902, na divisão dos distritos eleitorais em Uberaba, Baixa passa a pertencer ao 1º Distrito, e contava com população expressiva.

A partir de 1932/1933, Baixa ganha uma estrada de ligação com Água Comprida e outras áreas do município. Participa, em 1953, dos impasses envolvidos no processo de emancipação de Água Comprida, que indicava a necessidade de sua anexação ao novo

município. Entretanto, permanece pertencendo a Uberaba, elevando-se à condição de Distrito de Paz, como era o desejo de seus moradores.

O Distrito passou - como outras regiões do país, as quais até meados do século XX, tinham cerca de 70% de sua população vivendo no campo - por uma significativa migração para a cidade, para Uberaba. Todavia, Baixa, atualmente, segue considerada um Núcleo de Desenvolvimento Rural, com uma escola rural, uma unidade básica de saúde e uma associação dos moradores locais.

O campo, no passado, constituía-se no espaço das manifestações culturais e religiosas, cuja "ética e a moral cristã formaram aspectos importantes da cultura imaterial e foram determinantes na construção dos lugares e das comunidades rurais (CONPHAU, s/d, p.06).

As capelas, as festas e as procissões eram originárias de promessas que se faziam cumprir, em agradecimento às graças recebidas pelas comunidades e vilas rurais que tinham por base a religião católica

...Desse modo, as festas nasceram das iniciativas comunitárias e depois foram sendo ligadas à Igreja Católica (CONPHAU, s/d, p.07)

As famílias da região de Baixa ou Posse - hoje Bairro Rural de Baixa - mantinham suas atividades religiosas, como rezas do terço, festas dedicadas aos Santos, nas próprias fazendas, até que sentiram necessidade de construir a capelinha da localidade, dedicada inicialmente a São José, e depois também à Nossa Senhora da Conceição (de devoção popular).

[...] Apesar da redução populacional, as pessoas que ainda residem na sede do distrito mantêm ocupações diferenciadas, prevalecendo algumas que são mais pertinentes à zona urbana: eletricitas, mecânicos, pedreiros e carpinteiros. Permanecem, também, fiéis às antigas tradições de cultura popular, como é o caso da Folia de Reis. Mesmo os que migraram, retornam a cada ano para participarem dos festejos ou para integrarem o quadro de foliões [...] (CONPHAU, s/d, p.102).

As entrevistas e conversas informais junto à comunidade do bairro de Baixa, na área de influência indireta (AID) do empreendimento, foram realizadas no mês de novembro de 2016, e contemplaram alguns de seus atores sociais locais - apresentados no Quadro 4 que, todos os anos, participam e/ou são os verdadeiros responsáveis, como foliões, violeiros, festeiros, dos festejos e das manifestações culturais, que compõem o Patrimônio Cultural Imaterial do bairro e também do município de Uberaba, e que fora preliminarmente conhecido e levantando por esse estudo, para avaliação de impactos.

Quadro 2: Entrevistas realizadas.

Entrevistado (a)	Informações de destaque coletadas
<p>Sr. Nevito de Oliveira, um dos moradores mais antigos de Baixa e festeiro das Folias de Reis e responsável pela guarda do Rancho, onde são realizadas as festividades da comunidade.</p>	<p>Cuidou da festa de São José e Nossa Senhora da Conceição durante 50 anos, até 2008. Hoje é responsável pelas chaves do Rancho, onde a festa acontece: “Tomei conta durante mais de 40 anos da igreja.” Disse que quando menino ainda tinha terço de São João, Santo Antonio e São Pedro, na casa das pessoas. Informou que são 4 festas em Baixa que acontecem todas no rancho: “Tem uma festa de janeiro. Depois o povo da Lapa faz uma também em janeiro; depois tem um outra que eles tratam em maio e chamam de temporona.” [Festas de Santos Reis] E depois tem as novenas que de primeiro eram na igreja. De sexta a sábado. Dava nove novenas. Mas, hoje mudou. Hoje faz 9 novenas só de sábado, e todo sábado tem janta. Os noveneiros fazem a janta. Então, vai para o rancho. Não é mais na igreja.” “A Folia sai nos vizinhos arrecadando... Mas, essa festa de janeiro está muito difícil de fazer...Essa festa de janeiro fica muito na nossa família...Sempre gasta uns 3 ou 4 mil...” “Só arroz são 150 quilos, macarrão são 120 quilos, fora a sopinha. Batata são 5 ou 6 sacos de 60kg....Pratos tem mil pratos. Tudo no rancho.” – destaca sua esposa, D. Dalva.</p>
<p>Ademar Nicodemus Filho, presidente do bairro de Baixa de 2015-2019. Foi festeiro em 2016 da Festa de São José. É morador há 3 anos no bairro, mas tem propriedade em Baixa há 5 anos.</p>	<p>Informou que as festas na localidade têm mais de 50 anos (sua idade) e que é a própria comunidade, com os festeiros escolhidos, que realiza as festas (Santos Reis e São José): “Não há apoio da Prefeitura nem mesmo nas ações de divulgação da Festa de São José e Nossa Senhora da Conceição”. “A Folia sai dia 25 de dezembro e vai até 06 de janeiro que é dia dos 3 Reis Magos. São 12 componentes que levam uma imagem de Nossa Senhora da Aparecida.” “Tem muita criança que sai na festa. E tem mulher violeira. Tem encontro de violeiros e foliões. Já teve em Baixa também.” “A festa de São José vem gente de toda a região (Uberaba, Delta) e até de São Paulo vem gente...” Informou não haver no Distrito nem grupos de Capoeira e nem Ternos de Congos.</p>
<p>Sr. Adão Francisco da Silva, nascido na localidade, cuida da Festa dos Santos Reis da Lapa.</p>	<p>“Ela é muito antiga e reúne cerca de 1000 pessoas”.</p>
<p>Sr. Antonio Augusto de Souza Fidelis, presidente da Associação dos Produtores Rurais da Baixa e morador de Baixa há 17 anos.</p>	<p>Lembrando do benzedor de Baixa - o Sr. Pedro - com 80 anos, que tinha acabado de ser hospitalizado, fez menção às comunidades de Espinha (7km) e Lapa (12km), que participam das festas da comunidade de Baixa: a festa de São José, a Festa de Reis em janeiro, a Feira Rural (que era trimestral) e a Festa de Reis de 30 de maio. Destaca: “Mas, Lapa também tem sua festa de Reis em 20 de janeiro.”</p>
<p>Padre Ronan</p>	<p>Sobre a festa de São José: “Na Festa de São José e Nossa Senhora da Conceição, são 9 dias de novena, com jantar no sábado. A missa é às 10h no domingo e a procissão às 16h. Ela sai no último dia da festa no rancho.”</p>
<p>Ulisses Gama do Brasil (Montanha), apresentador do Programa de TV Amigos do Montanha na TV Canal 7</p>	<p>Durante a organização da 1ª Cavalgada na comunidade da Baixa, ele informou que estava retornando as cavalgadas como uma tradição já desaparecida na região.</p>
<p>Luciana Maluf Vilela, historiadora da Fundação Cultural de Uberaba e membro do CONPHAU</p>	<p>Informou haver 3 bens imateriais registrados ou em processo de registro em Uberaba: A banda do 4º. Batalhão, que foi o primeiro bem registrado; a Festa de São José e Nossa Senhora da Conceição de Baixa, e recentemente, o modo de fazer da Fábrica de Sinos. “Foram inventariadas 8 Casas de Candomblé – Umbanda e 130 Folias de Reis. Uberaba tem o maior número de folias de Reis de Minas. O hip-hop também está inventariado.”</p>

Entrevistado (a)	Informações de destaque coletadas
<p>Sr. Nevito de Oliveira, um dos moradores mais antigos de Baixa e festeiro das Folias de Reis e responsável pela guarda do Rancho, onde são realizadas as festividades da comunidade.</p>	<p>Cuidou da festa de São José e Nossa Senhora da Conceição durante 50 anos, até 2008. Hoje é responsável pelas chaves do Rancho, onde a festa acontece: “Tomei conta durante mais de 40 anos da igreja.”</p> <p>Disse que quando menino ainda tinha terço de São João, Santo Antonio e São Pedro, na casa das pessoas.</p> <p>Informou que são 4 festas em Baixa que acontecem todas no rancho: “Tem uma festa de janeiro. Depois o povo da Lapa faz uma também em janeiro; depois tem um outra que eles tratam em maio e chamam de temporona.” [Festas de Santos Reis] E depois tem as novenas que de primeiro eram na igreja. De sexta a sábado. Dava nove novenas. Mas, hoje mudou. Hoje faz 9 novenas só de sábado, e todo sábado tem janta. Os noveneiros fazem a janta. Então, vai para o rancho. Não é mais na igreja.”</p> <p>“A Folia sai nos vizinhos arrecadando... Mas, essa festa de janeiro está muito difícil de fazer...Essa festa de janeiro fica muito na nossa família...Sempre gasta uns 3 ou 4 mil...”</p> <p>“Só arroz são 150 quilos, macarrão são 120 quilos, fora a sopinha. Batata são 5 ou 6 sacos de 60kg....Pratos tem mil pratos. Tudo no rancho.” – destaca sua esposa, D. Dalva.</p>

O Quadro a seguir apresenta os bens imateriais com atribuição de valor pela comunidade de Baixa. E o mapa da Figura 53, a localização desses bens (de Baixa) em relação ao empreendimento. Não há Ternos de Congos e nem Grupos de Capoeira em Baixa. O mapa com a localização das Folias de Reis em Uberaba, produzido pelo Arquivo Público de Uberaba, quando inventariadas, é também um dos Anexos desse documento.

Quadro 3: Bens imateriais com atribuição de valor informados pela comunidade do bairro de Baixa.

Bem Cultural	Categoria	Observação
Festa dos Santos Reis de Baixa – 06 e 20 de janeiro	Celebração	Com atribuição de valor pela comunidade e inventariada
Festa dos Santos Reis de Lapa em Baixa	Celebração	Com atribuição de valor pela comunidade e inventariada
Festa de São José e Nossa Senhora da Conceição de Baixa	Celebração	Com atribuição de valor pela comunidade e registrada (Registro nos Anexos)
Galinhada	Modos de Fazer	Com atribuição de valor pela comunidade
Doces de Baixa: leite, pau de mamão, mamão verde e de laranja	Modos de Fazer	Com atribuição de valor pela comunidade
Cavalgada	Formas de expressão	Com atribuição de valor pela comunidade
Benzedor Sr. Pedro	Modos de Fazer	Com atribuição de valor pela comunidade
Feira Rural	Modos de Fazer Celebração	Com atribuição de valor pela comunidade

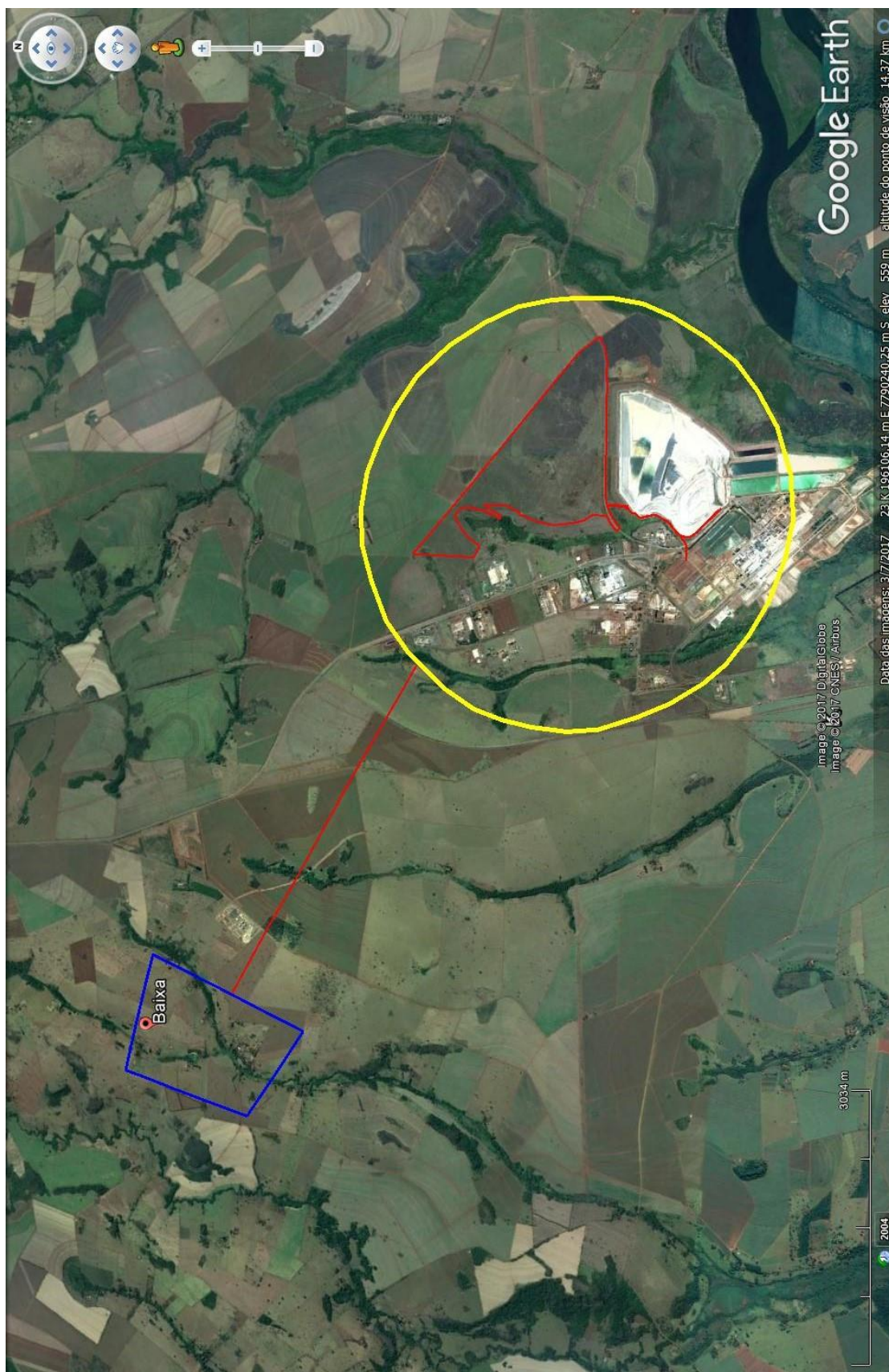


Figura 8: A distância entre a área de influência direta (AID), polígono grafado na cor amarela, e o bairro Baixa (polígono azul), é de 4.700 m em linha reta. Destaca-se, ainda, a área diretamente afetada pelo empreendimento (polígono vermelho). Fonte: Google Earth.

Ao lado da referida Banda do 4º Batalhão, a festa de Nossa Senhora da Conceição e São José da Baixa, realizada no bairro rural de Baixa, é o único bem registrado como Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Uberaba pela equipe técnica do CONPHAU, que visitou o povoado e as fazendas durante três anos e, após estudos, resolveu propor o registro.

A nossa intenção ao realizar o inventário dessa festa, de certa forma, é compreender alguns aspectos do modo de vida dos moradores da Baixa e sua religiosidade, fortalecida também pela festa dedicada a Santos Reis." [...] todos procuram participar da festa e tem obrigação de ajudar uns aos outros, seja na fazenda onde se realizam novenas e missas ou no dia da festa, na capelinha. O povo é quem faz a festa, cada um tem a sua devoção, por isso, na Baixa todos os Santos da devoção popular tem um lugar garantido no altar que é feito no galpão de festa. Até nos andores que deveriam ser exclusivos dos padroeiros São Jose e NS Conceição são obrigados a abrir um espaço para seus companheiros de constelação. Aí sim, carregados nos ombros do seu povo, os Santos desfilam pelas ruas do Bairro, acompanhados pela população que cantarola hinos religiosos, rezam o terço, foguetes estrondam nos céus. Tudo é festa, festa do povo e dos Santos. [...] os festeiros se revezam ano a ano, sempre movidos por uma promessa, e, cada festeiro adiciona uma característica a mais na sua festa, procurando agradar à população que para lá se dirige. Outras vezes a intenção é agradar aos santos, fazer uma festa e aos devotos dos padroeiros comunitários (CONPHAU, várias páginas).

Entretanto, as Folias de Reis, realizadas em Baixa e em toda Uberaba, e que inclusive participaram, em 2000, do projeto de implantação das Oficinas de Artes, em seis modalidades: Oficina de Afoxé, Oficina de Congo, Oficina de Maçambique, Oficina de Catira, Oficina de Capoeira e Oficina de Cerâmica, pela Prefeitura Municipal de Uberaba, através da Fundação Cultural de Uberaba e o Arquivo Público de Uberaba, com o apoio do Ministério da Cultura, são uma das celebrações e "(...) um dos mais ricos [rituais], carregado de simbologia e significados." (ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA, 2002, p/apresentação).

Esta é uma tradição do nosso folclore, alicerçada na tradição familiar, inicialmente, vinculada ao meio rural, onde, até o início da década de 20, havia uma grande concentração da população, nas fazendas e sítios. Uma boa colheita, boas chuvas, festas de padroeiros, tudo era motivo para a população se reunir, cantar e dançar. Nessas comunidades rurais, os foliões se organizavam para as Folias de Reis em família. Saíam pelos caminhos das fazendas, cantando e pedindo esmolas. O ritual das Folias de Reis é um dos mais ricos, carregado de simbologia e significados (ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA, 2002, p.apresentação)

As imagens a seguir apresentam aspectos das Festas dos Santos Reis e de São José e Nossa Senhora da Conceição, do acervo do Sr. Nevito, folião tradicional de Baixa.



Figuras 9 e 10: Festa de São José e Nossa Senhora da Conceição em Baixa – Uberaba - MG.



Figuras 11 e 12: Festa de São José e Nossa Senhora da Conceição em Baixa – Uberaba - MG.



Figuras 13 e 14: Festa dos Santos Reis de Baixa – Uberaba – MG.



Figuras 15 e 16: Festa dos Santos Reis de Baixa – Uberaba – MG.



Figuras 17 e 18: Festa dos Santos Reis de Baixa – Uberaba – MG.

6.3. Congadas, Moçambiques, Afoxés e Vilões de Uberaba

Segundo Câmara Cascudo, as Congadas, Congados ou Reis do Congo são autos dramáticos cujos elementos formadores foram

préstitos e embaixadas; reminiscências de bailados representativos de lutas guerreiras; reminiscências da legendária figura da grande rainha angolana Nzinga Mbandi, a Rainha Jinga; e principalmente cerimônias, que, já no século XVII, realizavam-se no Brasil, de coroação dos 'Reis do Congo', eleitos pelos negros de variadas etnias que integravam as irmandades afro-católicas de Nossa Senhora do Rosário.

Essas festas de coroação, com música e dança, seriam não só recriação das celebrações, que marcavam a eleição dos reis na África, como uma sobrevivência do costume dos reis bantos de, com séquito aparatoso, fazerem suas excursões e "embaixadas" entoando cântico e danças festivas (FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA, 2000, p.33).

Os cortejos com dança e música hoje denominados Congadas ou Congado e Moçambiques (e Vilões, Penachos...) nasceram dos séquitos que acompanhavam, por ocasião das festas públicas, os Reis do Congo (ITAÚ CULTURAL, s/d) e rememoram "passadas grandezas dos antigos reinos do Congo e seus suseranos" (FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA, 2000, p.33).

No caso especialmente dos Moçambiques, relembra os muitos combates travados pelos bantos na África e no Brasil, e tratam-se

de um bailado guerreiro, simulando um combate, à semelhança das lutas representadas nas congadas, diferindo dessas pelo fato de não apresentar a embaixada, ou seja, a dança dramática propriamente dita, através da qual se desenvolve o enredo do baile-de-congos. E é uma manifestação desenvolvida parece que sempre em honra e intenção de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário (FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA, 2000, p.34).

Os Reis do Congo, que eram soberanos das pequenas repúblicas autônomas e monárquicas ao longo do Rio Congo, na África, durante o tráfico de escravos para Portugal e depois para o Brasil, recebiam o título de "Rei do Congo". A data de 1674 corresponde a primeira coroação de Rei do Congo no Brasil, em Pernambuco, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

Desde o século XVII – quando temos notícias da coroação de Reis do Congo no Recife, em 1674 – a experiência social do povo brasileiro foi fecundada pelo desejo de celebrar o sagrado a partir de diferentes linguagens. Linguagens que atravessam mares e terras longínquas para reconstituírem no Novo Mundo, de maneira nova, a antiga expectativa do ser humano de manter sua ligação com as fontes divinas (ITAÚ CULTURAL, s/d, p. Introdução).

Como um sistema religioso, o Congado associa aspectos culturais de procedência africana e europeia: as fontes de ancestralidade africana, com a invocação de divindades como Zambi e Calunga, provenientes do panteão banto, ao lado da autodefinição como filhos do rosário ou pretinhos do rosário, em função do culto prestado a Nossa Senhora do Rosário, e das homenagens a outros santos católicos, como São Benedito, Santa Efigênia, São Jorge,

Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio (ITAÚ CULTURAL,s/d) e outros santos de devoção: Santa Bárbara, São Domingos, São Lázaro, São Miguel, por exemplo.

Diante da necessidade de delinear uma identidade social aceita pelos grupos dominantes, os devotos do congado se apresentam como católicos. Mas as vivências religiosas herdadas de tradições africanas – como formas rituais, culto aos antepassados e processos específicos de iniciação – tornam o Congado um sistema religioso que se relaciona com Catolicismo conforme uma lógica ora de aproximação, ora de distanciamento (ITAÚ CULTURAL,s/d.).

Congos, Congadas e Reisados (pela presença dos Reis do Congo) são encontrados em quase todo o Brasil. No passado, uma manifestação exclusiva de negros, e hoje com características regionais e muitas vezes locais e que demonstram a grande miscigenação existente no país, com a participação de brancos, mulatos e pardos (VOGEL, 2013).

Nas Minas Gerais do século XVIII – terra de ouro e de escravos (ITAÚ CULTURAL, s/d) – as coroações de Reis do Congo também estiveram muito ligadas à história de Chico Rei, que, aliciado na África e trazido para o Brasil com toda a família e seus súditos para trabalhar nas minas de ouro de Vila Rica, hoje Ouro Preto, teve sua família morta durante a viagem, chegando ao Brasil com alguns súditos e um filho. Quando conseguiu comprar sua liberdade, a de seu filho e a de outros escravos, criou a Nação do Chico Rei, organizando as irmandades de Santa Ifigência e Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (VOGEL, 2013).

Entretanto, nas festas de Santos Reis, em janeiro, e principalmente de Nossa Senhora do Rosário, em outubro, é que saíam, em cortejo, os integrantes dessas irmandades,

com toda corte ricamente vestida, sendo acompanhados pelo séquito de músicos e dançadores que cantavam louvando seus santos num batuque frenético de inúmeros instrumentos de percussão, geralmente feitos com troncos de árvores escavados, pedaços de metais tirados dos equipamentos de mineração e tudo o que pudessem criar (VOGEL, 2013, p.06).

Viva N.S. do Rosário! Viva S. Benedito Santo! Viva meu grupo de candombero! Aí está meu Santana, onde fui batizado. E louvado seja N. Siô'n Cristo.

Unga Deus, ma fi, unga Deus! É o Rusário de Maria, é que chegô aqui agora, que nego véi do Rusário vai cantia pa Vossa Excelença! (Extraído do CD Congado Mineiro, Acervo Cachuera!. Gravado em 09/06/1996, no Bairro da Pampulha, Belo Horizonte – MG, durante a festa da Nossa Senhora do Rosário. Entoado pelo Sr. João Manoel de Deus, já falecido e considerado o Rei Congo da Federação dos Congados de Minas Gerais e descendente direto de Galanga, o Chico Rei.)



Figura 19: Cartaz da Festa de Nossa Senhora do Rosário Uberaba 2016.

Em Uberaba, os grupos ou ternos de Congadas, Moçambiques e Vilões festejam também o 13 de Maio, apresentando e entoando melodias com letras de louvações aos seus santos padroeiros, numa “ligação entre o catolicismo formal e os rituais manifestados pelos negros” (VOGEL, 2013, p.07).

Alguns Ternos de Uberaba surgiram em razão de promessas de seus líderes e criadores; outros, em função de desavenças no interior dos grupos, como também acertos entre parentes de grandes famílias. Há Ternos fundados por tradição: herança de pai para filho:

O meu prazer é puxá a minha raça preta, que meu pai foi preto, minha mãe preta e minha família, porque meu pai é igae afro (da África) e minha mãe é bugra (Sebastião Delfino, do Termo São Benedito, fundado em 1982. In: FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA, 2000, p.36).

As Figuras 20 a 23 apresentam registros históricos do Terno Congada de Minas, um dos mais antigos e tradicionais de Uberaba.



Figura 20: Terno de Congo, Uberaba, 1896.
Fonte: Fundação Cultural de Uberaba.



Figura 21: Terno de Congo Minas Brasil, na Rua Arthur Machado, na década de 1920. Fonte: Fundação Cultural de Uberaba.



Figura 22: Terno de Congo Minas Brasil, década de 1940. Fonte: Fundação Cultural de Uberaba.



Figura 23: Publicação com a história do Congado Minas Brasil, consultada na Fundação Cultural de Uberaba.

Os Quadros 4 e 5 apresentam informações sobre os 21 Ternos de Congo de Uberaba e aspectos das entrevistas junto aos Ternos presentes no encontro de 13 de Maio de 2017. Nos anexos VI e VII estão dados de levantamento desenvolvido pelo município, em 2000, sobre os seus Ternos de Congo de Uberaba e o Edital da Festa de 13 de Maio de 2017, com os Grupos contemplados para participação.

Quadro 4: Ternos de Congo de Uberaba.

Referência	Grupo	Responsável	Contato	Endereço do Quartel
1	Moçambique Moisés Mizael	Moisés Mario Alves da Silva	(34) 99922 1585	Rua Antônio Rios, 1214 – Santa Marta
2	Terno de Congada Minas Brasil I	Maria Luiza Cardoso	(34) 3332 3534	Rua Tapajós, 59 – Vila Celeste
3	Afoxé Ilê Oio	Carlos Costa	(34) 99953 7166	Rua Eduardo Formiga, 211 – Abadia
4	Afoxé Ilê Asé Elegbo	João Luiz dos Santos Filho	(34) 98830 2530	Rua Weder Miguel de Farias, 321 – Jardim Primavera
5	Terno de Congado Penacho	Admilson Honorato	(34) 99688 6381	Rua Timbiras, 188 – Abadia
6	Terno de Congada Penacho da Ema	Dona Olinda Esperança Inocência	(34) 3311 5617	Rua Belém, 271 – Santa Marta
7	Terno de Congada Batalhão do Norte I	Avelino	(34) 996344 4052	Av. Milton Campos, 769 – Vila Arquelau
8	Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares	José Reinaldo Teixeira	(34) 98838 3636	Rua Ana Angélica de Jesus, 263 – Boa Vista
9	Terno de Congada Os Carijós	Bruno Rafael da Silva	(34) 99161 5777 (34) 988223923	Rua Capitão Domingos, 671 – Abadia
10	Batalhão Nossa Senhora do Rosário	Maria Isabel Leal Félix	(34) 99699 7318	Rua Garibalde da Cunha, 161 – Leblon
11	Terno de Congada Pavão Dourado	Ana Lúcia	(34) 98804 8947 (34) 98830 5208	Av. Marlene Azevedo Silva, 165 – São José
12	Terno de Moçambique Cruzeiro do Sul	Gabriel	(34) 99255 7710 (34) 3073 8218	Rua Nicolau Baldassare – Paraíso
13	Terno de Moçambique Nicolau Mateus	Wellington Xavier Alves	(34) 98873842	Rua Ponta Grossa, 665 – Parque das Gameleiras
14	Terno de Congada Zé Baiano	Ivam	(34) 3313 2213 (34) 98897 3026	Rua Nilton Alves do Nascimento, 505 – Recreio dos Bandeirantes
15	Terno de Congada Quatro Pé	José Adriano	(34) 98841 3634	Rua Pedro Siega, 285 – Parque das GameleirasI
16	Terno de Congada Batalhão do Norte I	Marcelo	(34) 99803 8417	Rua João Aquino Silva e Oliveira
17	Terno de Congada Minas Brasil II	João Luiz dos Santos	(34) 99804 7855	Rua Nilton Rosa Nunes, 11 – Elza Amui
18	Tenda de Umbanda Nossa Senhora do Rosário	Edilene	(34) 98832 5682	Rua Tapajós, 52 – Vila Celeste
19	Afoxé de Ogum	Marlene	(34) 3312 7464 (34) 98827 8046	Rua das Andradas, 769 – Abadia
20	Terno de Congada Pavão Dourado	Ana Lúcia		Av. Marlene Azevedo Silva, 135 – São José
21	Afoxé de Ogum	Mãe Marlene		Rua das Andradas, 769 – Abadia

Quadro 5: Entrevistas realizadas.

Entrevistado (a)	Informações de destaque coletadas
<p>Sr. Moizes Mario Alves da Silva</p> <p>Moçambique Moizes Mizael</p>	<p>Antes desse Terno, passou por três. Há 40 anos participa. Há 18 anos o Terno de Moçambique Moizes Mizael está na sua família. Fundou a partir de uma promessa à Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Aparecida: “Foi quando apareceu um caroço no meu nariz” – disse.</p> <p>Destacou que as crianças são formadas nos próprios ensaios e acompanhando seus pais e familiares integrantes do Terno.</p> <p>Disse que as marmitas aos integrantes do Terno que recebem convites e participam das festividades de Nossa Senhora do Rosário e 13 de Maio são custeadas pela própria comunidade com muita dificuldade, pois a ajuda que recebem do poder público é “muito pouco” – completa.</p>
<p>Sr. João Luiz dos Santos Filho</p> <p>Afoxé Ilê Asé Elegbo</p>	<p>Está a frente do Afoxé há mais de 4 anos. Mas participa desde criança. Tem 41 anos de idade. O Terno surgiu das rezas de sua família. Participa de encontros em outras cidades, inclusive de Encontros de Afoxés. Mas, destaca não possuir lugar adequado para os ensaios, que contam também com a participação de crianças, que são formadas nesses ensaios: “O lugar para ensaio é pequeno” – disse.</p>
<p>Sr. Admilson Honorato</p> <p>Terno de Congada Penacho</p>	<p>Disse tratar-se também de um dos mais antigos Ternos. “Ele é de raiz. Está na família, desde 1975, quando foi criado. Eu tinha 5 anos de idade” – disse.</p> <p>“As nossas crianças seguem formadas acompanhando os festeiros” – destaca.</p> <p>Embora receba muitos convites para apresentação, afirmou enfrentar muita dificuldade para participar, por causa de transporte. “Não temos condução, ônibus” E completa: “A manutenção do Terno é muito difícil. Usamos muitas plumas. Elas são caras”.</p> <p>“O terno faz alusão ao marinheiro, a pluma ao índio e a nossa pela ao negro” – finaliza.</p>
<p>Dona Olinda Esperança Inocêncio</p> <p>Terno de Congada Penacho da Ema</p>	<p>Fundado em 1985, o Terno segue composto por 50 pessoas. Suas cores são branco, rosa e verde.</p> <p>“A gente faz e junta com as crianças da comunidade” – destaca.</p>
<p>Sr. Evaldo Alves Cardoso</p> <p>Conselho de Participação e Integração da Comunidade Afrobrasileira de Uberaba e do Terno Minas Brasil I</p>	<p>Na entrevista, lembrou do primeiro prefeito negro de Uberaba. Destaca que o Conselho promove curso e oferece corpo jurídico, para processos de discriminação por exemplo. Lembrou também do Edital do Ministério da Cultura que possibilitou a compra e manutenção das fardas de muitos grupos: “Foram 50.000 utilizados para a manutenção das roupas, no Edital de 2016. Usamos para a Festa de 13 de Maio. De 5.000 inscritos, ficamos no 14º. lugar”- disse</p> <p>Explicou que nesse ano é sua família que está organizando a festa 13 de Maio, que está contando com a parceria do poder público, da Fundação: “O Terno da minha mãe é um dos mais antigos.” – destaca.</p> <p>Ressalta: “As parcerias são para a realização das festividades. Mas para a manutenção dos grupos não existe apoio do poder público. Precisava de mais ajuda, inclusive na realização do evento. Os ternos têm que se virar para a manutenção”</p> <p>E explica o roteiro da festa: “Os ternos estarão na minha mãe com 84 anos até às 9h. Os ternos vão tudo pra lá. E depois vamos para a Santa Terezinha. Vão cantar para a festeira. 10h30 eles vão buscar a festeira como corte (fitão). Onde os grupos vão levar a festeira com a corte para a missa. Eles escolhem o casal de festeiro para a próxima festa no baile à noite. E no dia 21 de maio será o encerramento da festividade.”</p> <p>Destaca também que seu Terno é o maior e que tem mais condição: “A maioria tem que fazer por conta, principalmente os mais antigos”. E completa: “Há 20 anos eu fui professor de Congada e nós nos preocupamos muito com a preservação. Quando conseguimos recursos nós descentralizamos.</p> <p>Destaca também ter participado de uma preparação de diretores e vices de escolas de Uberaba: “Depois seriam os professores. Nunca aconteceu essa segunda parte”</p> <p>“A Congada daqui 90 % dela é parte da espiritualidade. Eu sou general. Minha palavra primeira é do espírito. Aqui nós seguimos assim.” – finaliza.</p>

Entrevistado (a)	Informações de destaque coletadas
Bruno Rafael da Silva	Participa desde os 9 anos. Tem 34 anos de idade. Disse tratar-se de herança familiar: “Os velhos ensinam e a gente não pode mudar. As regras são as mesmas. Os princípios são os mesmos”.
Terno de Congada Os Carijós	“Somos em quase 95 pessoas, contando os familiares., que participam das festas” - disse Destaca que entende existir muita resistência: “Não há divulgação dessa Festa e 13 de maio nem é feriado, o que dificulta e muito a realização da festa”.
Sra. Maria Izabel Leal Felix	“É tradição de família nosso Terno. Tem mais de 60 anos. Rubens Félix de Santa Rita de Cássia tentou ingressar em outros ternos e como não conseguiu criou esse que hoje tem entre 70 a 80 pessoas” – explica.
Batalhão Nossa Senhora do Rosário	“Não temos Associação. É a comunidade que mantém. Só temos associação e conselho geral. As dificuldades financeiras são muitas. Só contamos com a ajuda da comunidade. A cesta básica que oferecem cobre 30% só da comida a todos que participam” – completa.
Sr. José Gabriel de Oliveira	“Esse Terno veio de meu avô e passou de pai para filho. Tenho 62 anos e estou há 30 anos à sua frente” - disse. “Minha avó índia foi pega no laço.” – completa.
Terno de Moçambique Cruzeiro do Sul	Disse ter começado a se preparar com 5 anos de idade. E prepara as crianças e outras pessoas da comunidade também. “Nós que somos donos do terreiro do quartel e nós que temos que consertar as roupas, o couro das caixas e preparar ao menos 5 tipos de comida para festas como essa” – destacou
Sr. Welligton Xavier Alves	“Tem 7 anos que não faço festa. Já pedimos emenda e nada. Uberaba não decreta feriado. Assim, quem trabalha não consegue participar quando a festa é durante a semana. Muitos integrantes não conseguem, pois não podem perder o emprego. Hoje então muitos não vieram porque estão desempregados. Não há incentivos. Não há verbas. A comunidade que faz tudo e muitos estão sem condições” – destaca.
Terno de Moçambique Nicolau Mateus	“O Terno começou com seu avô, vindo do Sul de Minas.Sou Presidente da Associação da Irmandade de Rosário” – explica.
Sr. José Adriano	À frente do Terno desde 2000 que se originou de uma promessa de sua mãe: “Minha mãe fez promessa à Nossa Senhora do Rosário”.
Terno de Congada 4 pé	Afirmou ter trazido o ritmo de 4 pé de Campo Belo, no Sul de Minas. “Somos 42 pessoas e estamos participando desta Festa 13 de Maio pela primeira vez” - destaca
Sr. Elizabete Alves	Informou que, nesse ano, tem feito nova pesquisa e cadastro dos Ternos de Congos e Grupos de Capoeira, com entrevistas e registros fotográficos, para disponibilização de um mapeamento ainda no final do ano de 2017: “Na mudança de gestão, os dados não estavam mais no computador” – explicou.
Fundação Cultural de Uberaba	

6.4. Grupos de capoeira de Uberaba

Segundo informações dos Mestres e Grupos de Capoeira que foram entrevistados na festividade de 13 de Maio Uberaba 2017, são duas linhas de trabalho na capoeira no município: a de Raiz e a Contemporânea. A Capoeira de Angola não é praticada no município.

Há hoje uma rede de mestres, professores e alunos em Uberaba, em especial, nos bairros periféricos. Acredita-se que cerca de 30 mestres atuem no município, com uma média de um a dois grupos em distintos bairros.

Cada professor possui em média de 30 a 50 alunos em cada grupo, o que perfaz algo em torno de 2.500 praticantes no município. Não existe nenhum grupo ou núcleo no Distrito de Baixa.

O município incluiu a capoeira entre as modalidades esportivas trabalhadas na disciplina de Educação Física para o Ensino Fundamental, o que tem gerado muitas críticas pelos mestres locais, tendo em vista a exigência de curso superior para a contratação pelo município, pois, segundo os entrevistados, os professores contratados não dispõem da base ética e técnica necessária para a o ensino da prática nas escolas.

Todo mundo aqui em Uberaba trabalha junto. Tudo é amante da arte. Tem as escolas, mas tá todo mundo junto. A gente se encontra nas Rodas e participa todo mundo junto.

Mestre Pezão (Rodrigo)

As escolas do município colocaram a Capoeira para os alunos, mas querem que os professores tenham formação para professores, com ensino superior. Só que eles não conhecem a capoeira e ensinam sem a filosofia.

Mestre Tigre

O Quadro a seguir apresenta os grupos de Capoeira entrevistados na Festa de 13 de Maio Uberaba 2017. A Fundação Cultural de Uberaba não dispõe de um cadastro atualizado dos Grupos de Capoeira e está elaborando, por intermédio do Mestre Claudio Valente, um levantamento desses grupos. As Figuras 24 a 28 apresentam aspectos das entrevistas e das Rodas de Capoeira na Festa.

Quadro 6: Entrevistas realizadas.

Referência	Grupo	Responsável	Contato	Endereço	Mestre	Início do Trabalho
22	Águas 2000	Prof.º Claudio	(34) 3317 0468 (34) 99990 7269	Rua Ana Luiza Rosa, 10 – Cássio Resende I		
23	Capoeira Gerais	Prof.º Marmeide	(34) 99204 6743	Av. Tutunas, 999 - Bairro Tutunas (Associação de Bairro)	Mão Branca, de Belo Horizonte	2004 (13 anos)
24	Antiga Arte	Prof.º Newton (Tico) Prof.º Rodrigo (Pezão)	(34) 99123 4995 (34) 98818 0882	Rua Lopo Ramos, 172 - Abadia	Furioso Abelha	30 anos
25	Associação de Capoeira Ave Branca	Prof.º Robson Charles Gonçalves Martins	(34) 99681 8920	Rua Onofre Rezende da Cunha, 555 - Uberaba I	Mestre Kalil Mestrando Preto	23 anos
26	Águia Branca	Prof.º Vergílio Felizardo de Almeida (Tubarão)	(34) 99237 3779	Av. Canaã, 281 - Planalto (Centro Espírita)	Mestre Café Mestre Asa Branca Mestre Corisco	30 anos
27	Guerreiros da Liberdade	Alex Bernardino da Silva (Mestre Tigre)	(34) 99680 4362	Rua Iguatamã, 831 – São Vicente Centro Cultural da Capoeira Guerreiros da Liberdade	Mestre Asa Branca	30 anos



Figura 1: Roda de Capoeira na festividade do 13 de maio na Praça Santa Terezinha. Mestres e alunos de diferentes grupos.



Figura 2: Roda de Capoeira na festividade do 13 de maio na Praça Santa Terezinha. Mestres e alunos de diferentes grupos.



Figura 3: Entrevista com o Mestre de Capoeira Prof.º Robson Charles Gonçalves Martins



Figura 4: Entrevista com os Mestres de Capoeira, Prof. Marmeide e Newton (Tico).



Figura 5: Entrevista com Vergílio Felizardo de Almeida (Mestre Tubarão), no almoço oferecido pelo Terno de Congo Minas Brasil, na Festa.

As Figuras 29 e 30 apresentam a localização dos Ternos de Congos de Uberaba e dos Grupos de Capoeira em relação empreendimento.

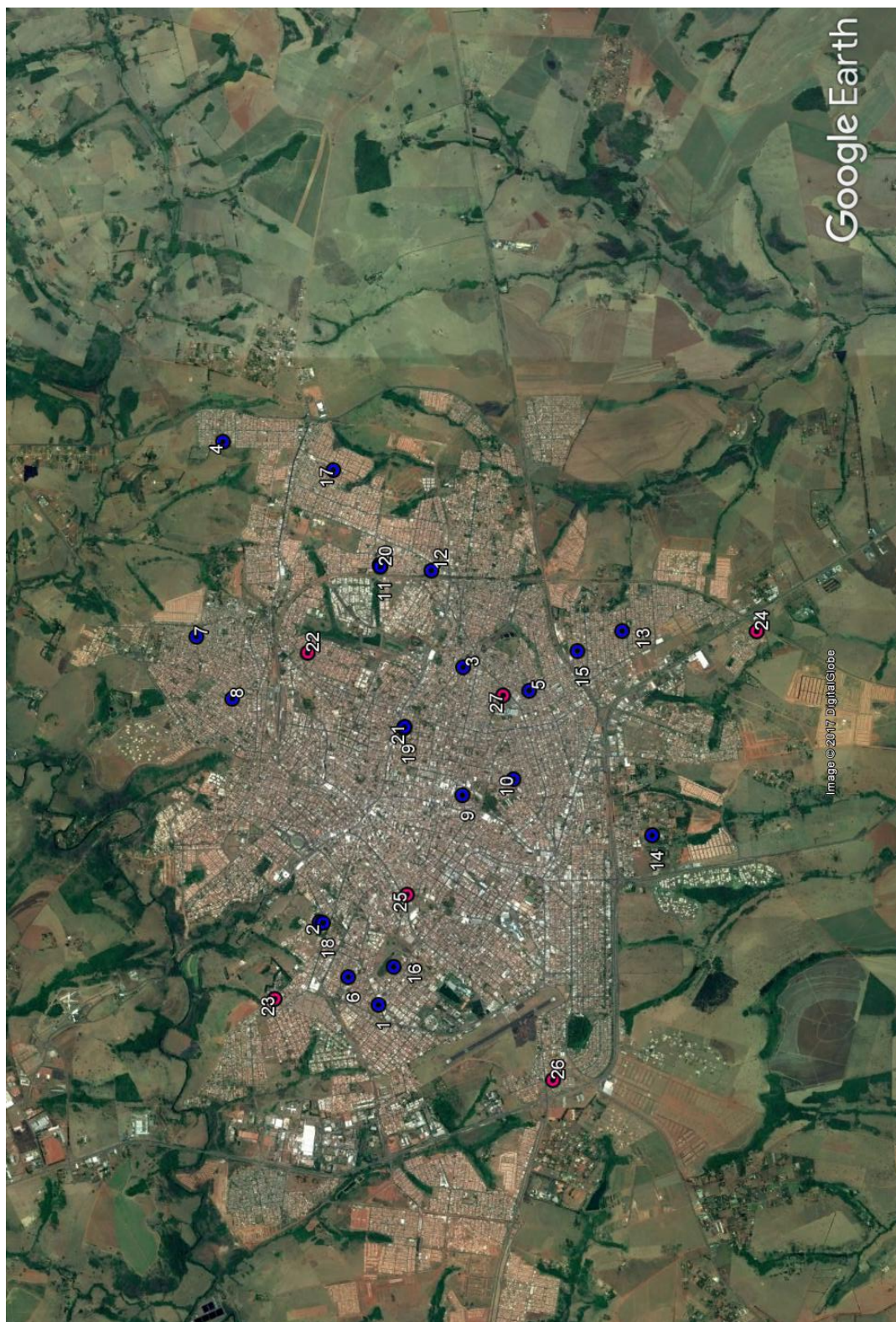


Figura 29: Localização dos Ternos de Congos (azul) e dos Grupos de Capoeira (rosa) no município de Uberaba / MG. Imagem de satélite do programa Google Earth, 2017.

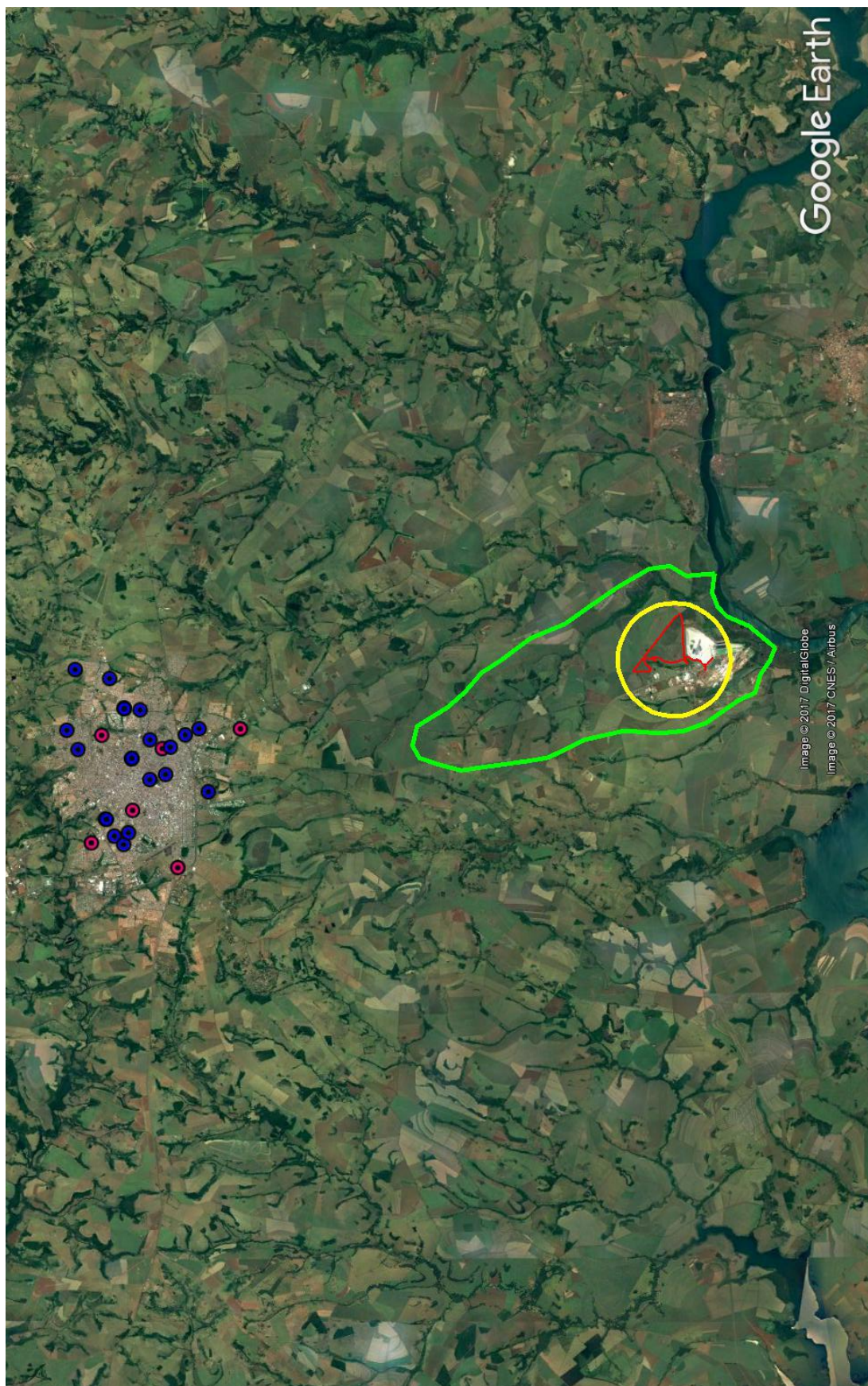


Figura 30: Localização dos Temos de Congos (azul) e dos Grupos de Capoeira (rosa) em relação às áreas de influência do empreendimento (ADA - vermelho, AID - amarelo; All - verde). Imagem de satélite do programa Google Earth, 2017.

7. CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

As atividades desenvolvidas no âmbito do levantamento em referência objetivou o atendimento ao Termo de Referência exarado pela Superintendência do IPHAN no Estado de Minas Gerais, sobretudo, no que se refere à avaliação de impacto do empreendimento sobre os bens culturais de natureza imaterial acautelados: Roda e Ofício dos Mestres da Capoeira e Congadas de Minas.

Importante destacar que os agentes/atores dos grupos produtores das manifestações culturais e lideranças comunitárias como, por exemplo, o Sr. Niveto, Dona Joana (líder comunitária local), Sr. Antônio, Sr. Adão e Sr. Ademar, assim como os tantos festeiros, capitães, generais, reis e rainhas, mestres e professores da Capoeira, identificados nesta pesquisa, devem ser tratados como parceiros nas ações de salvaguarda e de difusão das práticas conhecidas e apresentadas por esse estudo.

O estudo permitiu verificar que o empreendimento não trará qualquer impacto a nenhum dos bens culturais imateriais identificados (acautelado ou não), uma vez que sua implantação ocorrerá distante do único foco ou núcleo habitacional, localizado fora da área de influência indireta (o bairro de Baixa) e das áreas urbanas onde ocorrem as manifestações e práticas culturais reconhecidas.

Ou seja, não haverá afetação da base material dos bens culturais de natureza material, não havendo, portanto, qualquer óbice à anuência do IPHAN às licenças ambientais necessárias à implantação (LI) e operação (LO) do empreendimento.

8. EQUIPE RESPONSÁVEL

A equipe responsável pelo desenvolvimento dos estudos e elaboração do *Relatório de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Imaterial (RAIPI)*, programa integrante do projeto *Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na área de Implantação do Depósito do Fofogesso-Compartimento G* (Portaria IPHAN nº 9, de 1º de março de 2017 - Processo IPHAN nº 01514.002301/2016-61), é composta pelos seguintes pesquisadores:

- Ana Cristina Chagas dos Anjos – Bacharel em Ciências Sociais (PUC/SP) e Doutora em Educação (FE/USP); e
- Marcos Rogério Ribeiro de Carvalho – Bacharel em História (FFLCH/USP) e Doutor em Arqueologia (MAE/USP).

As declarações de participação, currículos e documentos de identificação dos pesquisadores supramencionados podem ser conferidos no Anexo II do Volume I deste relatório.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A LASCA. Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na área de implantação do Depósito de Fosfogesso – Compartimento G, Projeto de Pesquisa. A Lasca Arqueologia, Uberaba, MG, setembro de 2016.

ARÉVALO, Marcia Conceição da Massena. Sentir para agir: avaliando uma proposta de educação patrimonial. Dissertação (Mestrado), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, Rio de Janeiro, 2013.

CASTILLO RUIZ, J. Hacia una nueva definición de patrimonio histórico? PH Boletim del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, Sevilla, IAPH, n. XVI, setiembre, 1996.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. 4ª. Ed. São Paulo: Estação Liberdade/Editora UNESP, 2006.

COUTINHO, Pedro dos Reis. Uberaba. Matriz da Civilização do Brasil Central – Folder História e Imagens de Uberaba – Arquivo Público de Uberaba, 1992.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm> Acesso em: 29 fev 2016).

CONPHAU. Processo de Registro da Festa de São José e de Nossa Senhora da Conceição como Patrimônio Cultural Imaterial – Quadro VI – s/d.

CUNHA, Danilo Fontenele Sampaio. Patrimônio cultural: proteção legal e constitucional. Rio de Janeiro: LetraLegal, 2004.

FRANCO, M. I. G. C. Educação Ambiental e Pesquis-ação Participante: registro analítico-crítico de uma práxis educativa. São Paulo. Tese de Doutorado. FEUSP, 2010.

_____. et. al. Aprendizagem social: práticas educativas e participação da sociedade civil como estratégias de aprimoramento para a gestão compartilhada em bacias hidrográficas. São Paulo em Perspectiva, v. 20, n. 2, p. 5-18, abr/jun 2006.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, S. C. A. Patrimônio histórico e cultural. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA. Oficina de Congos e Moçambiques. Uberaba: Fundação Cultural de Uberaba/Arquivo Público de Uberaba/Ministério da Cultura, 2000.

_____. Inventário do Patrimônio Cultural de Uberaba. Uberaba: FETPIU, 2012.

GONZÁLEZ-VARAS. I. Conservación de bienes culturales. Madrid: Cátedra, 2003.

GRUNBERG, E. Manual de atividades práticas de educação patrimonial. Brasília – DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, 2007.

HARMONICOP. Social Learning Pool of questions. HarmoniCOP combined WP2/WP3 deliverable. K.U. Leuven – Centre for Organizational and Personnel Psychology. 2003.

HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ. F. El patrimonio cultural: la memoria recuperada. Guijon: Trea, 2002.

IPHAN. Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC, 2000. Manual de Aplicação. Departamento de Identificação e Documentação, IPHAN/MinC, 2000.

ITAÚ CULTURAL. Congado Mineiro. Coleção Documentos Sonoros Brasileiros. Acervo Cachuera! s/d.

JACOBI, Pedro e FRANCO, Maria Isabel G. C. Sustentabilidade, Participação, Aprendizagem Social. In: JACOBI, P. et al. Aprendizagem social. Diálogos e ferramentas participativas: aprender juntos para cuidar da água. São Paulo: IEE/PROCAM, 2011.

_____ e TOLEDO, R. F. A pesquisa-ação na interface das áreas da saúde, educação e ambiente: princípios, desafios e experiências interdisciplinares. São Paulo: AnnaBlume, 2012;

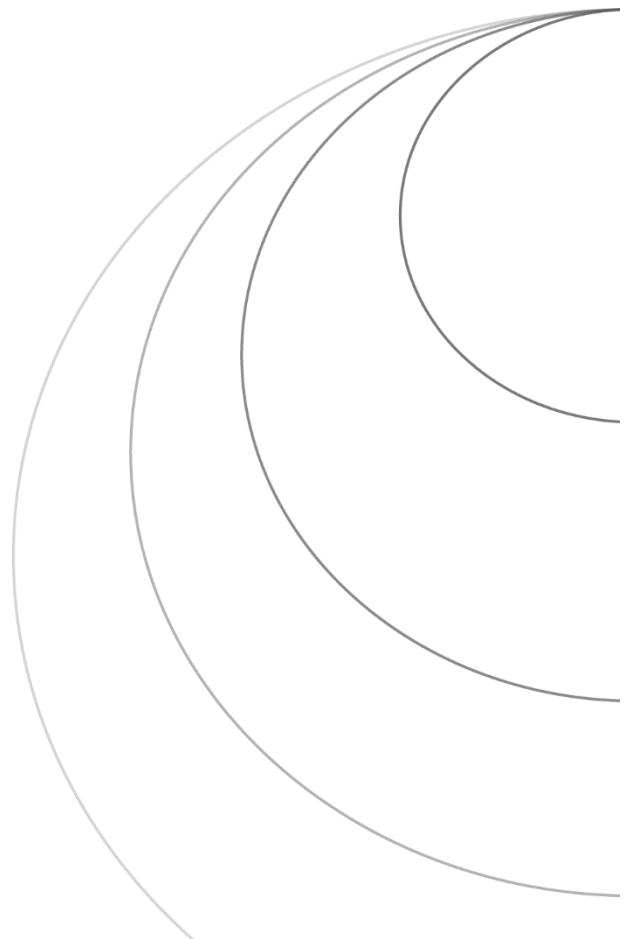
RESENDE, Eliane M. M. de. Uberaba: uma trajetória sócio-econômica, 1811-1910. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1991.

SANTOS, FRANCIMÁRIO VITO DOS. *A política de registro das congadas em Minas Gerais: mobilização, diálogos e descontinuidades em Santo Antônio do Monte/MG*. 2016.

UNESCO. Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da 32ª Reunião.

VOGEL, Lilian. Viva São Benedito! Viva a Mãe do Rosário! Atibaia: Cocar Editora, 2013.

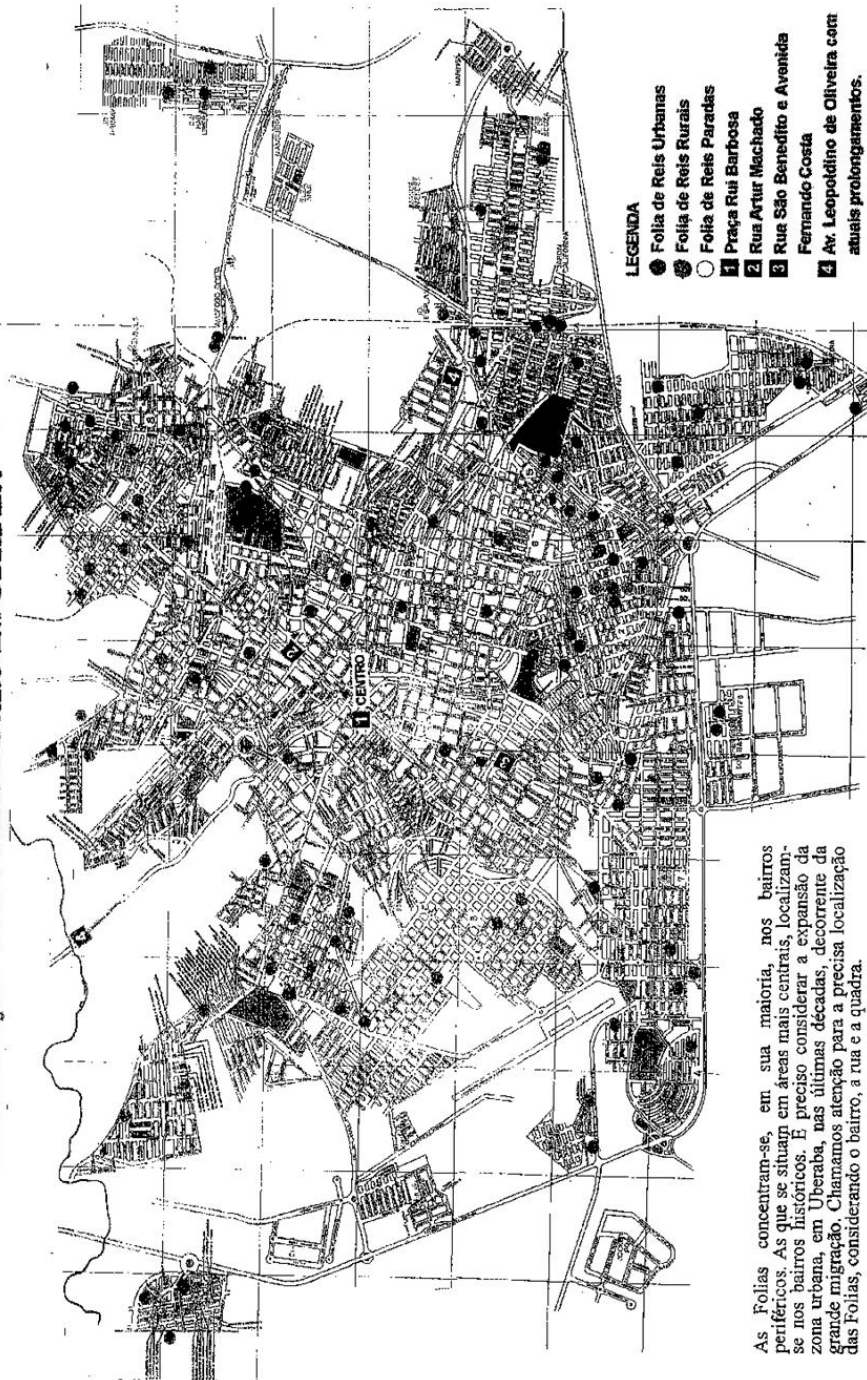
ANEXOS



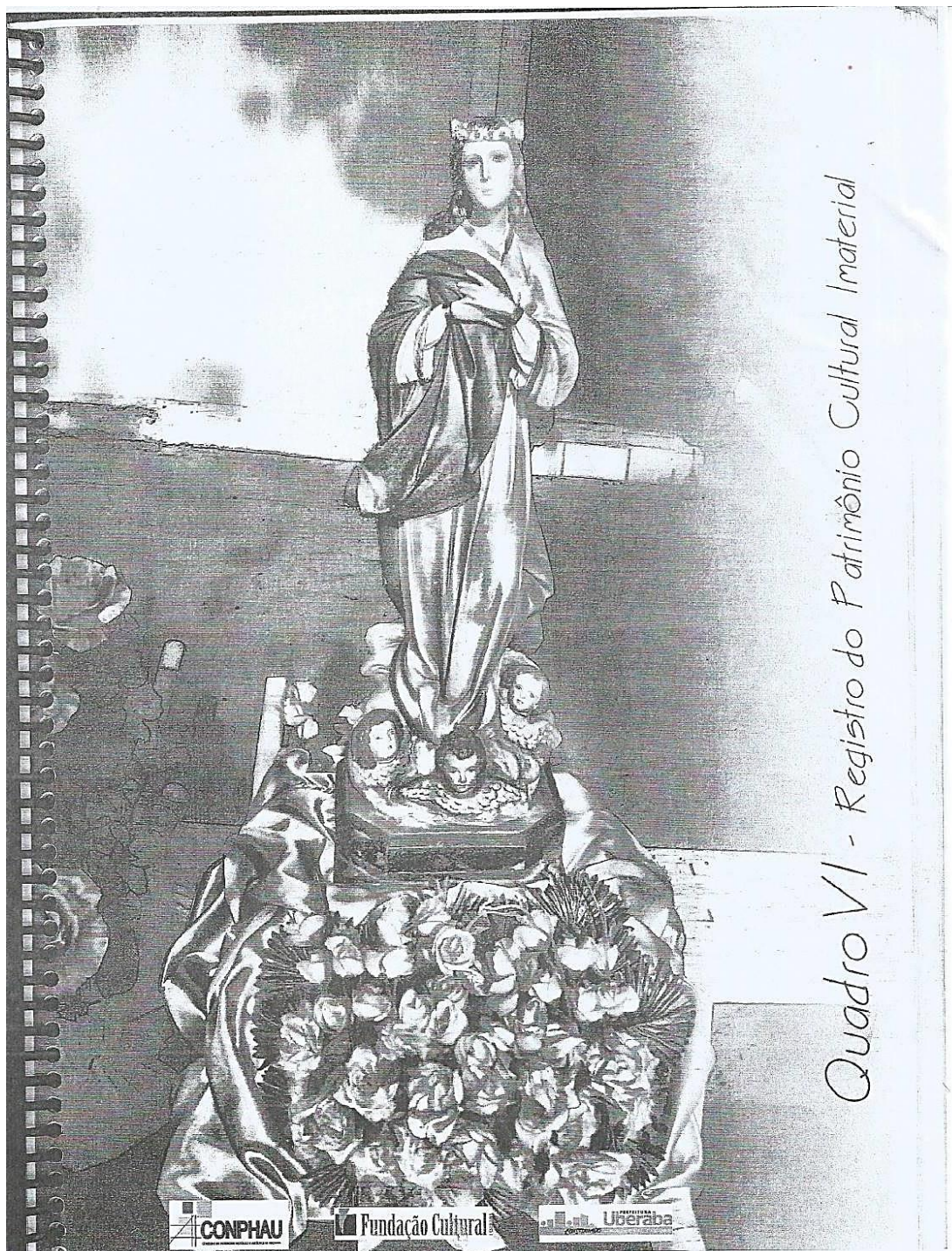
I. ÁREAS DE INFLUÊNCIA DO EMPREENDIMENTO (ADA, AID E AII)

II. MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS FOLIAS DE REIS EM UBERABA

LOCALIZAÇÃO DAS FOLIAS DE REIS EM UBERABA



**III. CÓPIA DO PROCESSO DE REGISTRO DA FESTA DE NOSSA SENHORA
DA CONCEIÇÃO E SÃO JOSÉ – IPAC/MG**



Quadro VI - Registro do Patrimônio Cultural Imaterial

CONPHAU

Fundação Cultural

Uiteraba



REGISTRO IMATERIAL
IPAC - UBERABA-MG

Nº da Ficha EA 001-10

Distrito Sede Zona Rural

Denominação **Festa de Nossa Senhora da Conceição e São José**

144
17/11

Primeiro Inventário 2010 Outras Atualizações —

Última Atualização 2010

Código da Imagem FAZ 007-10

Imagem



1/
11

Registro Festa de Nossa Senhora da Conceição e São José

Endereço Bairro Rural da Baixa, Rua Antônio Ponciano.

Situação de Propriedade

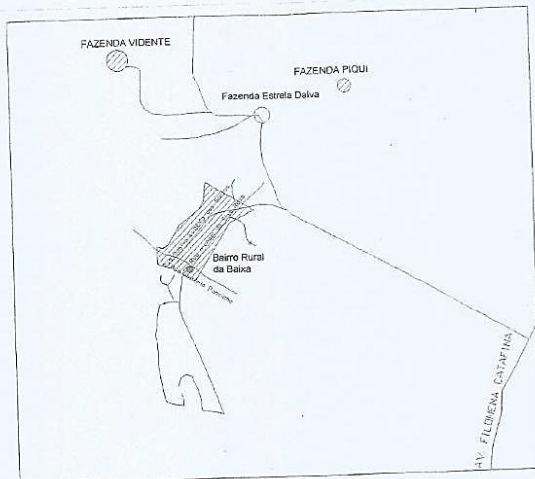
- | | | | | |
|---|-----------------------------------|--------------------------------------|---|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Pública | <input type="checkbox"/> Própria | <input type="checkbox"/> P. Jurídica | <input type="checkbox"/> Gov. Federal | <input type="checkbox"/> Associação |
| <input checked="" type="checkbox"/> Privada | <input type="checkbox"/> Cedida | <input type="checkbox"/> P. Física | <input type="checkbox"/> Gov. Estadual | <input type="checkbox"/> Sociedade |
| | <input type="checkbox"/> Comodato | | <input type="checkbox"/> Gov. Municipal | <input type="checkbox"/> Eclesiástica |
| | | | | <input type="checkbox"/> Outros |



REGISTRO IMATERIAL
IPAC - UBERABA-MG

143
134

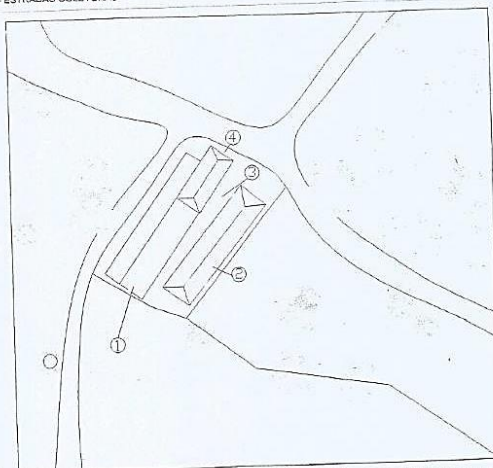
Localização no Município



2/
11

- LEGENDA:
□ - BAIRRO RURAL DA BAIXA
○ - FAZENDAS DO ENTORNO
■ - SEDE - GALPÃO DE EVENTOS
- GRAMINEAS E ARBUSTOS
- ESTRADAS COLETORAS

Situação

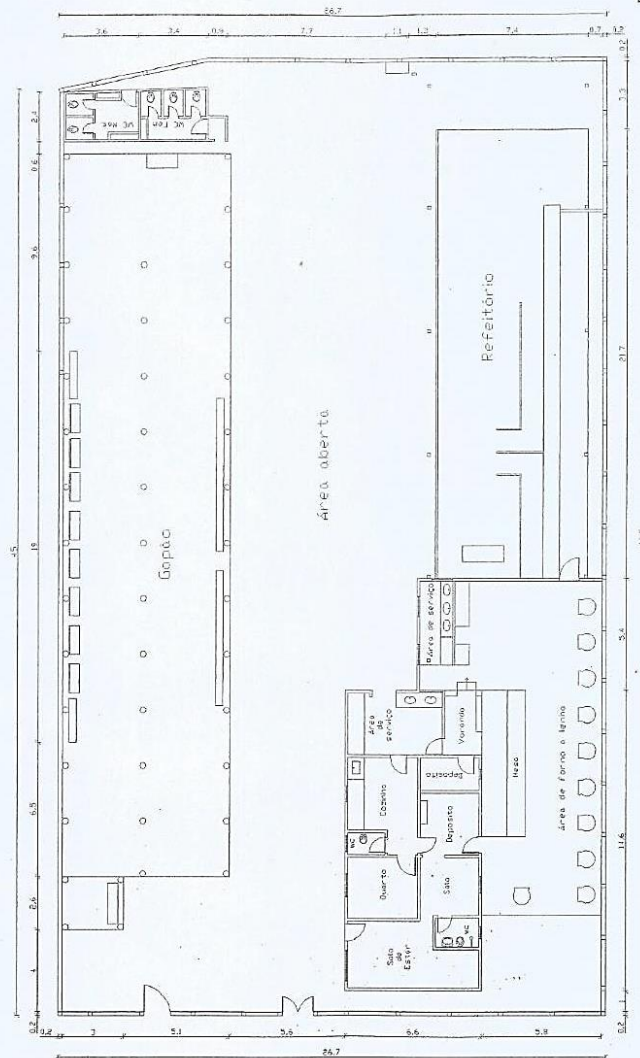


- Legenda:
1 - Refeitório
2 - Salão de eventos
3 - Área aberta
4 - Banheira

Elaboração: Equipe da Seção Patrimônio Histórico e Artístico da F.C.U
Data: Agosto 2010

Técnica Responsável: Daniela Velludo de Souza
Estagiária: Fernanda Tonim Tótol
Fernanda Lohmann





3/
11

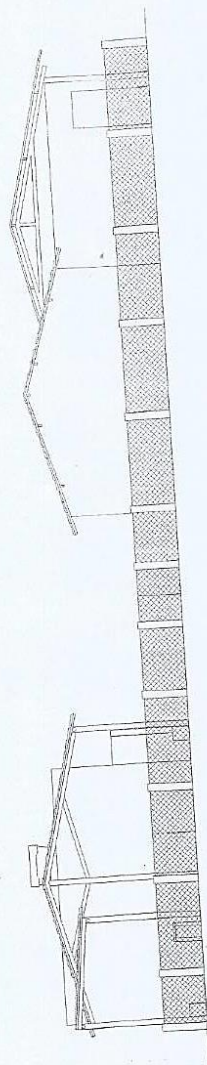
Planta baixa da área da festa de Nossa Senhora da conceição e São Jose



CONPHAU
CONSERVADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL

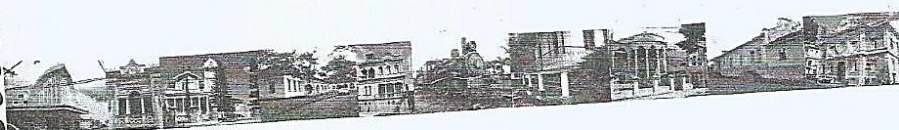
REGISTRO IMATERIAL
IPAC - UBERABA-MG

~~147~~
~~134~~
Desenhos técnicos



Fachada Frontal do Galpão de eventos.

4/
11





REGISTRO IMATERIAL
IPAC - UBERABA-MG

148
1374

Proteção Legal Existente	Lei/Decreto N	<input type="checkbox"/> Federal	<input type="checkbox"/> Estadual	<input type="checkbox"/> Municipal	<input type="checkbox"/> Inventário	<input type="checkbox"/> Volumetria
					<input type="checkbox"/> Entorno	<input type="checkbox"/> Fachada
						<input type="checkbox"/> Doc. Histórica
Proteção Legal Proposta	Lei/Decreto N	<input type="checkbox"/> Tomb. Federal	<input type="checkbox"/> Tomb. Federal	<input type="checkbox"/> Tomb. Federal	<input checked="" type="checkbox"/> Inventário	<input checked="" type="checkbox"/> Volumetria
					<input type="checkbox"/> Entorno	<input checked="" type="checkbox"/> Fachada
						<input type="checkbox"/> Doc. Histórica

Histórico

Todos os anos, no mês de julho, é realizada, na Baixa, Bairro rural da cidade de Uberaba, a festa dos Santos Padroeiros daquela região. Um misto de religiosidade e tradição popular. A festa acontece em um ambiente atípico, se comparado ao da cidade grande. Os festeiros se encarregam da decoração de todo o ambiente, do grande galpão, da capela, das ruas do povoado. Tudo é feito com flores coloridas de papel, bandeirolas, folhagens, flores naturais e imagens de santos. Há clima e alusão a uma festa tipicamente junina. Além de garantir, à farta, alimentação a todos os participantes, com comida servida durante todos os dias da festa, tudo custeado com a ajuda da comunidade local, a festas dos devotos de Nossa Senhora da Conceição e São José acontece em clima de muita espiritualidade.

O clima amistoso e familiar remete às raízes dos costumes rurais, onde a reza se mistura com os jogos, as danças, as cantorias, o congraçamento. A festa em si se realiza no povoado da Baixa, nos últimos sábado e domingo do mês de julho, mas é precedida de nove sábados em que se realizam a novena, destinada a arrecadar recursos pecuniários e o mais necessário para o festejo.

5/
11

Referências

Entrevistas realizada com festeiros e moradores do bairro rural da Baixa
Pesquisa livro de Tombo Paróquia São José e Santa Terezinha



149
174

Documentação Fotográfica

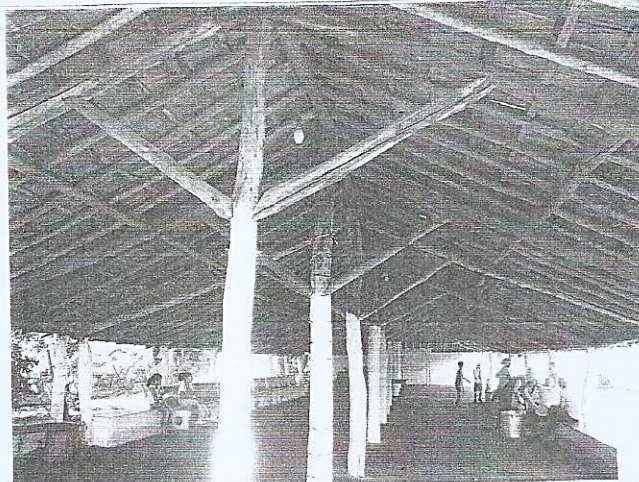


Foto 01 - GAP 036 10 - Galpão onde é realizado a Celebração de Nossa Senhora da Conceição e São José. Uberaba-2010. Fonte: CONPHAU.



Foto 02 - GAP 042 10 - Residência existente no Galpão de evento da Celebração. Uberaba-2010. Fonte: CONPHAU.



150
174



Foto 03 - GAP 044 10- Vista da área dos fornos, para preparação da Celebração. Uberaba-2010.
Fonte: CONPHAU.

7/
11



Foto 04 - GAP 052 10 - Missa de Nossa Senhora da Conceição e São José. Uberaba-2010.
Fonte: CONPHAU.



151
174



8/
11

Foto 05 - GAP 028 10 - Festa de Nossa Senhora da Conceição e São José. Uberaba-2010.
Fonte: CONPHAU.



Foto 06 - GAP 045 10 - Missa de Nossa Senhora de Conceição e São José. Uberaba-2010.
Fonte: CONPHAU.



1620
134

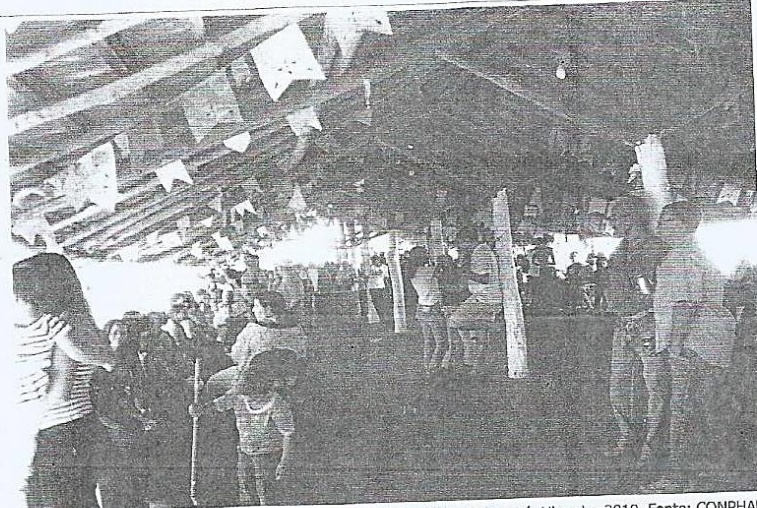
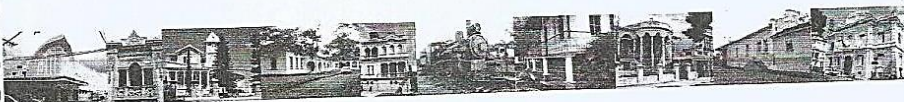


Foto 07 - GAP 029 10 - Festa da Nossa Senhora da Conceição e São José. Uberaba-2010. Fonte: CONPHAU.

9/
11



Foto 08 - GAP 065 10 - Cozinheiras servindo a refeição durante a festa. Uberaba-2010. Fonte: CONPHAU.



153
124

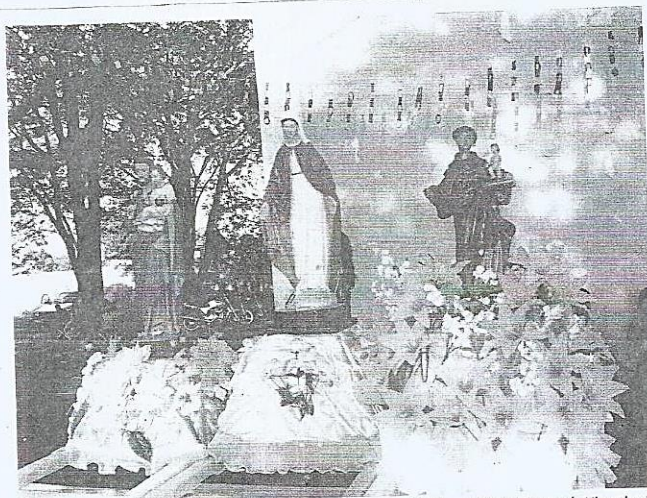


Foto 09 - GAP 066 10 - Andor dos Santos Nossa Senhora da Conceição e São José. Uberaba-2010.
Fonte: CONPHAU.

10/
11



Foto10 - GAP 077 10 - Início da Procissão de Nossa Senhora da Conceição e São José.
Uberaba-2010. Fonte: CONPHAU.



154
/ 174

Ficha Técnica

Criação
Juliana Almeida de Melo - Coordenadora da Equipe Técnica - Arquiteta *Juliana*
Daniela Velludo de Souza - Chefe da Seção de Patrimônio Histórico e Artístico da F.C.U - Arquiteta

Levantamento
Daniela Velludo de Souza - Chefe da Seção de Patrimônio Histórico e Artístico da F.C.U - Arquiteta
Maria Aparecida Manzan - Historiadora *Maria*
Fernanda Tótolli - Estagiária de Arquitetura
Fernanda Lohmann - Estagiária de Arquitetura *Fernanda Lohmann*
Anna Lívia Gomes - Estagiária de História *Anna Lívia Gomes*
Thammy Beatriz Fonseca - Estagiária de História
Agosto/2010

Fotografias
Daniela Velludo de Souza - Chefe da Seção de Patrimônio Histórico e Artístico da F.C.U - Arquiteta *Daniela*
Fernanda Tótolli - Estagiária de Arquitetura
Fernanda Lohmann - Estagiária de Arquitetura *Fernanda Lohmann*
Anna Lívia Gomes - Estagiária de História *Anna Lívia Gomes*
Thammy Beatriz Fonseca - Estagiária de História
Agosto/2010

11/
11

Elaboração
Juliana Almeida de Melo - Coordenadora da Equipe Técnica - Arquiteta *Juliana*
Daniela Velludo de Souza - Chefe da Seção de Patrimônio Histórico e Artístico da F.C.U - Arquiteta
Maria Aparecida Manzan - Historiadora *Maria*
Pedro dos Reis Coutinho - Historiador
Fernanda Tótolli - Estagiária de Arquitetura
Fernanda Lohmann - Estagiária de Arquitetura *Fernanda Lohmann*
Anna Lívia Gomes - Estagiária de História *Anna Lívia Gomes*
Thammy Beatriz Fonseca - Estagiária de História
Agosto/2010

Revisão
Daniela Velludo de Souza - Chefe da Seção de Patrimônio Histórico e Artístico da F.C.U - Arquiteta *Daniela*
Juliana Almeida de Melo - Coordenadora da Equipe Técnica - Arquiteta/2010 *Juliana*
Dezembro/2010



**IV. FICHAS ROTEIRO PARA DIAGNÓSTICO DO PATRIMÔNIO CULTURAL
IMATERIAL LOCAL**



a lasca arqueologia

**ROTEIRO PARA DIAGNÓSTICO DO PATRIMÔNIO
CULTURAL IMATERIAL LOCAL**

PROJETO/PROGRAMA:	A IPI Aíró de Imp. Depósito Fosforescente	
CIDADE:	Uberaba - MG	DATA: 14/11/2016
INSTITUIÇÃO:	comunidade da BAIXA	
ENTREVISTADO(A):	Nevito de OLIVEIRA	
PROFISSÃO/OCUPAÇÃO:		DATA DE NASCIMENTO: 06/08/1933
ENDEREÇO:	Rua João Escuss, 197	
CONTATO (TELEFONE/CELULAR/E-MAIL):	(34) 3 3363125 Shizei	
PESQUISADO(A):		
PERGUNTAS		
1. HÁ QUANTO TEMPO MORA AQUI? VOCÊ PARTICIPA OU CONHECE ALGUMA FESTIVIDADE E/OU MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA OU CULTURAL AQUI NA REGIÃO? QUAL?	Desde que nasceu. Cuido do festo por 50 anos. ALC 2008	
2. VOCÊ PODERIA FALAR UM POUCO SOBRE ELA? COMO É CHAMADA? ONDE, QUANDO E HÁ QUANTO TEMPO É REALIZADA? COMO ELA É? EXISTE ALGUMA ASSOCIAÇÃO OU ENTIDADE QUE ZELA OU CUIDA DESTA FESTIVIDADE E/OU MANIFESTAÇÃO?	Sank Rei. A comunidade de da Lapa maio	
3. VOCÊ TEM CONHECIMENTO DE MUDANÇAS E/OU TRANSFORMAÇÕES SOFRIDAS POR ESTA FESTIVIDADE OU MANIFESTAÇÃO CULTURAL NOS ÚLTIMOS ANOS? SE SIM, QUAIS FORAM? A(S) RAZÃO(ZÕES)? ELA É VINCULADA A ALGUM LUGAR OU PRECISA DE ALGUM RECURSO ESPECIAL?	Quando menino tinha festa de São João, Sank Antonio e São Pedro. Espaço passou a funcionar.	
4. VOCÊ TEM CONHECIMENTO DE ALGUMA PUBLICAÇÃO OU VÍDEO QUE FALE SOBRE ELA OU SOBRE OUTRAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS LOCAIS / FESTIVIDADES LOCAIS OU DA REGIÃO?	Filmascom e entrevista.	
5. O QUE MAIS SABE SOBRE A REGIÃO? EXISTE ALGUM PRATO TÍPICO LOCAL? EXISTE ALGUM ARTESÃO OU ARTISTA LOCAL?		
6. VOCÊ TEM CONHECIMENTO SOBRE O EMPREENDIMENTO? VOCÊ ACHA QUE ELE IMPACTARÁ DE MANEIRA POSITIVA OU NEGATIVA ALGUMA FESTIVIDADE OU MANIFESTAÇÃO CULTURAL LOCAL?	Gacinhada	

Padre Ronda

(34) 9 9177 2366

15hs

9 dias - Novena Rancho de Festa
de Santos Reis

Festa no sábado

Letra Sol. padre Sol. Santo

Missa 10hs

16hs Procissão no domingo no
último dia

Rancho 1982




Serve um boi cozido

N.S. e São João

São Sebastião e N.S. Aparecida

Maria Aparecida

Bancos eram do Catador

 a lasca arqueologia	ROTEIRO PARA DIAGNÓSTICO DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LOCAL
--	--

PROJETO/PROGRAMA:	AIPI Aico de Imp. Depósito R01/06000	
CIDADE:	Uberlândia - MG - ^{Primo} Baixo	DATA: 14/11/2016
INSTITUIÇÃO:	Presidência do Bairro Baixo	
ENTREVISTADO(A):	Ademar Nicodemus Filho	
PROFISSÃO/OCUPAÇÃO:	Festiveiro de 2016 S. José e N. Senhora Conceição	DATA DE NASCIMENTO: Presidente do Bairro desde 2015
ENDEREÇO:	Manoel da Silva Rosa, 41	2019
CONTATO (TELEFONE/CELULAR/E-MAIL):	(34) 988177539	
PESQUISADO(A):	Ana Patrícia C. Araújo	
PERGUNTAS		
1. HÁ QUANTO TEMPO MORA AQUI? VOCÊ PARTICIPA OU CONHECE ALGUMA FESTIVIDADE E/OU MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA OU CULTURAL AQUI NA REGIÃO? QUAL?	Morador há 3 anos, foi festeiro em 2016 do S. José. Onde não há de lá Com propriedade há 5 anos. Festa S. Santa Reis tem 50 anos, e	
2. VOCÊ PODERIA FALAR UM POUCO SOBRE ELA? COMO É CHAMADA? ONDE, QUANDO E HÁ QUANTO TEMPO É REALIZADA? COMO ELA É? EXISTE ALGUMA ASSOCIAÇÃO OU ENTIDADE QUE ZELA OU CUIDA DESTA FESTIVIDADE E/OU MANIFESTAÇÃO?	A própria comunidade com os festeiros que são escolhidos 3 vezes por próximo ano.	
3. VOCÊ TEM CONHECIMENTO DE MUDANÇAS E/OU TRANSFORMAÇÕES SOFRIDAS POR ESTA FESTIVIDADE OU MANIFESTAÇÃO CULTURAL NOS ÚLTIMOS ANOS? SE SIM, QUAIS FORAM? A(S) RAZÃO(ZÕES)? ELA É VINCULADA A ALGUM LUGAR OU PRECISA DE ALGUM RECURSO ESPECIAL?	Sem muita criança que vai no feste. E tem festeiro de Baixo mulher volúvia. Sem encantos videiras / (S. Rosa) de Baixo	
4. VOCÊ TEM CONHECIMENTO DE ALGUMA PUBLICAÇÃO OU VÍDEO QUE FALE SOBRE ELA OU SOBRE OUTRAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS LOCAIS / FESTIVIDADES LOCAIS OU DA REGIÃO?	A Prefeitura costuma filmar. 3 folias: S. José / S. 20/01 201/0/5 (Temporária) S. José	
5. O QUE MAIS SABE SOBRE A REGIÃO? EXISTE ALGUM PRATO TÍPICO LOCAL? EXISTE ALGUM ARTESÃO OU ARTISTA LOCAL?	Os doces (leite, pão de mãas, mãas de leite, laranja) de Baixo são feitos na comunidade.	
6. VOCÊ TEM CONHECIMENTO SOBRE O EMPREENDIMENTO? VOCÊ ACHA QUE ELE IMPACTARÁ DE MANEIRA POSITIVA OU NEGATIVA ALGUMA FESTIVIDADE OU MANIFESTAÇÃO CULTURAL LOCAL?	Está muito próximo do empreendimento 7 Km	

Não há apoio da Prefeitura
nem mesmo nas ações de
divulgação na Festa de S.
João e Nossa Senhora da
Conceição (cartões etc)

Igreja / Ranchos

~~40000~~


A folia sai 25 dez e vai até 06 jan,
que é o dia dos
3 Reis Magos.

Realizado dia 20 tem
ensaios.

Vai de toda região
Uberlândia, Delta,
até SP.

12 componentes
levam uma
imagem Santa
(N. Senhora
Aparecida)

Uma 1.º domingo
do mês

 a lasca arqueologia	ROTEIRO PARA DIAGNÓSTICO DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LOCAL
--	--

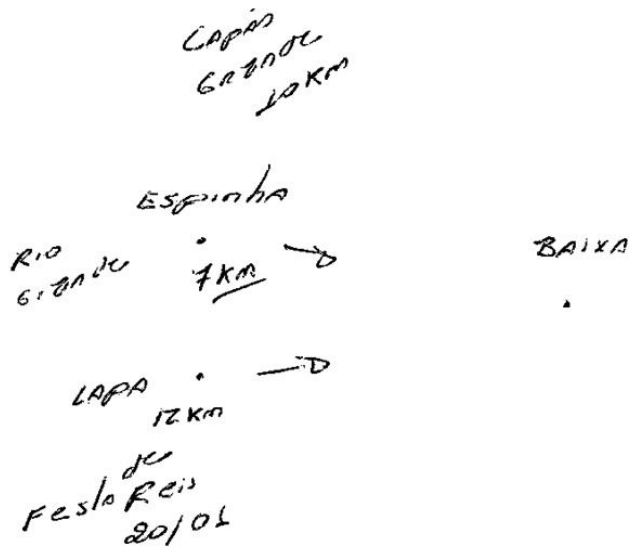
PROJETO/PROGRAMA: <i>AIFI Arco de Imp. Depósito de Roloceiro</i>	
CIDADE: <i>Uberaba - BAIXA</i>	DATA: <i>13/11/2016</i>
INSTITUIÇÃO: <i>Associação Fronteiras Rurais da Baixa</i>	
ENTREVISTADO(A): <i>Antonio Augusto de Souza Fidélis</i>	
PROFISSÃO/OCUPAÇÃO: <i>Pres. Assoc. Prod. Rurais da Baixa</i>	DATA DE NASCIMENTO: <i>21/05/55</i>
ENDEREÇO: <i>Rua Maria da Silva Rosa, 354 - BAIXA</i>	
CONTATO (TELEFONE/CELULAR/E-MAIL): <i>(34)9 8847 9185</i>	
PESQUISADO(A): <i>Antônio Custódio Chaves do Amaral Maria Rosário Ribeiro de Carvalho</i>	

PERGUNTAS

1. HÁ QUANTO TEMPO MORA AQUI? VOCÊ PARTICIPA OU CONHECE ALGUMA FESTIVIDADE E/OU MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA OU CULTURAL AQUI NA REGIÃO? QUAL?
Mora há 17 anos. A Festa de São João, em Setembro, Feira Rural (trimestral) e a Festa de Reis (30.05)
2. VOCÊ PODERIA FALAR UM POUCO SOBRE ELA? COMO É CHAMADA? ONDE, QUANDO E HÁ QUANTO TEMPO É REALIZADA? COMO ELA É? EXISTE ALGUMA ASSOCIAÇÃO OU ENTIDADE QUE ZELA OU CUIDA DESTA FESTIVIDADE E/OU MANIFESTAÇÃO?
O organizador da festa é o Sr. Nevito, festeiro.
3. VOCÊ TEM CONHECIMENTO DE MUDANÇAS E/OU TRANSFORMAÇÕES SOFRIDAS POR ESTA FESTIVIDADE OU MANIFESTAÇÃO CULTURAL NOS ÚLTIMOS ANOS? SE SIM, QUAIS FORAM? A(S) RAZÃO(ZÕES)? ELA É VINCULADA A ALGUM LUGAR OU PRECISA DE ALGUM RECURSO ESPECIAL?
A festa se mantém.
4. VOCÊ TEM CONHECIMENTO DE ALGUMA PUBLICAÇÃO OU VÍDEO QUE FALE SOBRE ELA OU SOBRE OUTRAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS LOCAIS / FESTIVIDADES LOCAIS OU DA REGIÃO?
As pessoas vem filmar na localidade.
5. O QUE MAIS SABE SOBRE A REGIÃO? EXISTE ALGUM PRATO TÍPICO LOCAL? EXISTE ALGUM ARTESÃO OU ARTISTA LOCAL?
venda na feira: frango, doce, queijo, queijo, feijão, salinhada, soja, milho
6. VOCÊ TEM CONHECIMENTO SOBRE O EMPREENDIMENTO? VOCÊ ACHA QUE ELE IMPACTARÁ DE MANEIRA POSITIVA OU NEGATIVA ALGUMA FESTIVIDADE OU MANIFESTAÇÃO CULTURAL LOCAL?
Não.

MISSA uma vez por mês.
NOVENA com jantar, leituras e festa
no final
ELE veio em 1971.
CONVERSAR com Nevito

PROCISSÃO



Beneditor Sen Pedro hospitalizado
90 anos sexta-feira passada

Presidente
do Bairro
(Ademar)

- UBS

V. MÚSICAS DA MISSA AFRO DO DIA 13 DE MAIO

MÚSICAS PARA MISSA AFRO

1 - ENTRADA (C)

1 - Senhora da Abadia, sua casa
cheira/cheira cravo e rosa, ôlêlê, flor de
laranjeira (repete)

2 - MÚSICA PARA A ASSEMBLEIA

Ao subirmos a ladeira, a ladeira era bem
forte(bis)Vim visitar minha mãe a Senhora
da Abadia(bis) Salve ó mãe do Redentor/oh
Senhora da Abadia

3 - SINAL DA CRUZ (D-)

Em nome de Olorum que nos criou/De
Oxalá nos salvou e do Espírito Santo que
nos une por amor(bis)
Amém, amém, amém/amém, amém,
amém/amém, amém, amém/para todo
sempre amém!

4 - ATO PENITENCIAL(A)

SOLO: Senhor, piedá de nós!(2X)
TODOS: Senhor, piedá de nós(2x)
SOLO: Filho de olorum, ó Jesus,
compaixão de nós por tua cruz**TODOS:**
Filho de Olorum, ó Jesus, compaixão de
nós por tua cruz
SOLO: Ó Cristo, piedá de nós(2x)
TODOS: Ó Cristo, piedá de nós (2x)
SOLO: Filho de Deus Pai, Oxalá, de ngurá
nos traz luz e paz
TODOS: Filho de Deus PAI, Oxalá, de
Ngurá nos traz luz e paz.
SOLO: Senhor, piedá de nós(2X)
TODOS: Senhor, piedá de nós (2x)

5 - HINO DE LOUVOR(C)

Refrão: Tá caindo fulô, ô tá caindo fulô
Lá do céu, cá na terra, ô tá caindo fulô
Solo: Glória a Deus, Glória a Deus, ô glória
a Deus, glória a Deus(bis)
Glória ao Pai Criador, Deus Pai de toda cor
Glória a Deus, Glória a Deus, ô glória a
Deus, glória a Deus (bis)
Glória ao Filho Redentor, Deus Irmão e
Senhor (bis)
Glória a Deus, glória a Deus, ô Glória a
Deus, glória a Deus (bis)
E ao Divino Defensor, Deus Santificador
Glória a Deus, Glória a Deus, ô Glória a
Deus, glória a Deus (bis)

Glória a Trindade Santa, em quem
acreditamos (bis)

6 - ENTRADA DA BÍBLIA (C)

**Refrão: A Palavra de Deus, vai
chegando, vai (bis)**

1 - É Jesus, que hoje vem nos falar (bis)
2 - É palavra de Deus aos pequenos (bis)
3 - É palavra de libertação (bis)
4 - Como o sol a brilhar no horizonte
5 - É semente fecunda na terra (bis)
6 - É a experiência do povo (bis)

7 -SALMO (G)

Todos: Se o Senhor não estivesse a favor
da nossa gente, diga ao povo de Israel (bis)
- Se Olorum não estivesse a favor da negra
gente/diga ao povo de Zumbi (bis)
- Se Tupã não estivesse a favor da índia
gente/diga ao povo Kaiowá (bis)
- Se Deus Pai não estivesse a favor da nossa
gente/diga ao povo oprimido (bis)
Solo: Quando nos arrancaram a Mãe-Terra
e invadiram os rios e as florestas/nos teriam
arrastado à correnteza e acabado com a
gente com certeza/ E afogado meu povo nas
profundezas, oi/ e afogado meu povo nas
profundezas!
Todos: Repetem
Todos: Olorum, bendito sejas, porque
nunca permitiste/que esses cães nos
devorassem(bis)
- Ó Tupã bendito sejas, porque feito um
passarinho, escapamos dos seus laços (bis)
- Ó Senhor bendito sejas, em teu nome, o
nosso auxílio/ Céus e terra tu criaste (bis)

8 - ACLAM. EVANGELHO(G-)

Solo: Fala, Senhor, único libertador
**1 - Pronuncia-te, Senhor/As nações te
ouvirão/alforria, nós teu povo/herdeiros
de uma história**
Fala, Senhor, único Libertador (4x)
**2 - O Evangelho Senhor que liberta/É o
Senhor que alforria/É o Senhor que
denuncia/Os senhores opressores**

09 - ORAÇÃO ASSEMBLÉIA(D)

Solo: Porque está na hora/Pedimos o auxílio/De todos os Santos/Chamamos a força/Dos mortos na luta/porque está na hora... o jeito dos mestres/da reza e do canto por está na hora/Cantamos malembes/ pra Nossa Senhora!

Pe. Walmir: Ô mamãe, abraça eu, mamãe, embala eu, mamãe, tem dó de mim!(bis)

10 - OFERTÓRIO (D)

1 - Lá vem das senzalas de ontem, lá vem das senzalas de hoje, oferta que é de sangue e suor, de um povo em clamor que quer livre cantar...

Refrão: Obá, obá, obá, recebe Olorum nossos dons, obá, obá, obá, a oferta de nossas nações; obá, obá, obá, recebe, Senhor, pão e vinho, obá, obá, obá, ô, as ofertas de um povo a caminho.

2 - Lá vem das aldeias de ontem, lá vem das aldeias de hoje, oferta de fé e resistência de um povo que pena mas quer livre brincar. (bis)

Refrão: Obá, obá, obá, recebe ó Tupã, nossos dons....

3 - Lá vem das favelas de ontem, lá vem das favelas de hoje, oferta de uma luta sem trégua, de uma gente que espera e quer livre dançar (bis)

Refrão: obá, obá, obá, recebe ó Pai, nossos dons...

4 - Lá vem dos calvários de ontem/lá vem dos calvários de hoje/ oferta das vitórias do novo que é de Cristo e do povo que quer livre louvar (bis)

Refrão: Obá, obá, oba, recebe, ó Deus, nossos dons...

11 - PREFÁCIO () (Pe Walmir)

REFRÃO: Eu vou cantar um bendito, um canto novo, um louvor (bis)

1 - Ao Deus do povo oprimido que ouviu do pobre, o clamor

2 - Ao Deus que livra seu povo das garras do Faraó

3 - Ao Deus que leva seu povo para uma terra melhor

REFRÃO

4 - Ao Deus que nos deu seu Filho, dos pobres libertador

5 - Jesus por nós deu a vida, a lei maior ensinou

6 - Jesus revive nas lutas do povo trabalhador

7 - Um povo forte e unido, bendiz e louva o Senhor!

12 - SANTO (G)

SOLO: 1 - Santo, Santo é o nosso Deus, do Universo Ele é o Senhor; para nossa salvação, enviou o Salvador (bis)

SOLO: 2 - Bendito é o que vem em nome do Senhor, Jesus Cristo

Nosso Deus, nosso irmão libertador(bis)

SOLO: Hosana nas alturas, grande viva ao nosso Deus, que merece os aplausos, de nós todos, filhos Teus (bis)

13 - ABRAÇO DA PAZ (Começa em G e depois D)

Solo: Negro é a raiz da liberdade (bis)

Refrão: Um sorriso negro, um abraço negro, traz felicidade; negro sem emprego, fica sem sossego, negro é a raiz da liberdade.

Solo: Negro é uma cor de respeito, negro é a inspiração; negro é silêncio é luto, negro é a solidão; negro que já foi escravo, negro é a voz da verdade; negro é destino, é amor, negro também é saudade.

14 - CORDEIRO (A-)

Solo: Cordeiro de Deus(bis)

Tu te ofereceste a Olorum(bis)

Tu tiras do mundo a maldade (bis)

Tem piedade de nós(bis)

Tem piedade de nós(bis)

Cordeiro de Deus(bis)

Tu te ofereceste a Tupã(bis)

Tu tiras do mundo a maldade(bis)

Tem piedade de nós(bis)

Tem piedade de nós(bis)

Cordeiro de Deus(bis)

Tu te ofereceste ao Senhor (bis)

Tu tiras do mundo a maldade(bis)

Dá-nos teu axé (bis)Dá-nos tua paz(bis)

Dá-nos teu axé(bis) Dá-nos tua paz(bis)

Dá-nos teu axé(bis) Dá-nos tua paz(bis)

15 - PAI NOSSO DOS MÁRTIRES (E-)

Pai Nosso dos pobres marginalizados

Pai Nosso dos mártires, dos torturados

Teu nome é santificado naqueles que

morrem defendendo a vida/Teu nome é

glorificado quando a justiça é nossa

medida. Teu Reino é de liberdade, de

fraternidade, paz e comunhão/Maldita toda a violência, que devora a vida pela repressão. Ô, ô, ô

2 – Queremos fazer tua vontade, és o verdadeiro Deus Libertador/ Não vamos seguir as doutrinas corrompidas pelo poder opressor. Pedimos-te o pão da vida, o pão da segurança, o pão das multidões/O pão que traz humanidade, que constrói o homem em vez de canhões. Ô, ô, ô

3 – Perdoa-nos quando por medo ficamos calados diante da morte. Perdoa e destrói o reino em que a corrupção é a lei mais forte! Protege-nos da crueldade, do esquadrão da morte, dos prevalecidos. Pai-Nosso, revolucionário, parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos (bis)

16 – COMUNHÃO (C-)

Refrão: O chamado de Deus para a nossa chegada é/para ser comunhão/e a nossa partilha transformando a vida é/via a libertação!

1 – Multidões já esperam com canto de festa/ a presença do corpo do ressuscitado/A força dos fracos, dos abandonados/Renova a esperança na vida, no amor.

2 – Esta grande unidade hoje é celebrada/podem vir meus irmãos que a hora é celebrada/Comer deste pão é assumir compromisso/no serviço alegre a cada irmão

3 – Este pão de igualdade é para todo filho/que se sente excluído, triste ou sozinho/Esta mesa é de todos, nós somos iguais/com direito e justiça faremos a paz.

4 – Estaremos unidos nas lutas da vida/Este forte alimento nos cura por dentro/nos faz solidários a cada momento/os que sofrem nos chamam para ser fermento.

5 – Esta é nossa casa, é nossa família/E se há mesa farta, a causa é partilha/É linda e gostosa esta nossa comida/Este encontro é de todos que amam a vida.

17 – PARTILHA (C-)

Refrão: Ô, aê, ao/ a mesa está pronta, Olorum já me chamou!(bis)

Co'a flor do trigo(3x) Olorum me alimentou/Com vinho Santo(3x) Olorum me saciou

1 – Venha, veja as obras de Deus/Seu amor nos valeu tanta coisa bonita/Eu canto! Ah!

Eu canto/é louvor do meu povo, esse povo que é santo!

2 – Venha! Veja que obra tão bela/Transformou mar em terra/pro meu povo passar/Vitória!, ah! Vitória!/ É o cantar do meu povo que constrói a história!

3 – Venha! Veja as obras do Rei/suas façanhas direi ao meu povo que clama/Justiça! Ah! Justiça/é o clamor do meu povo, povo negro que é vida!

4 – Venha! Traga bem na lembrança/tantos cantos e danças/tanto choro e sorriso/Escuta! Ah! Escuta/ o clamor deste povo, povo negro que luta!

19 – LOUVOR A MARIA (G)

1 - Maria, és tu, ó Virgem Maria, do alto do morro/abençoa as vidas/ das mais conturbadas/ às mais serenas, joga o teu manto por vilas, favelas, por todas elas, Marias/ Maria, és tu, Maria és tu/ Maria, és tu, Maria és tu

2 - Maria, és tu, ó Virgem Maria, do alto do morro/abençoa as vidas/ das mais conturbadas/ às mais serenas, joga o teu manto por vilas, favelas, por todas elas, Marias/ Maria, és tu, Maria és tu/ Mãe desta terra, mãe capixaba, Maria da Penha, tuas bênçãos nos venham/Maria és tu, Maria és tu, Maria, és tu, Maria, és tu!

20 – MÚSICA PRA RECEBER CONGADO

Lá vem, lá vem, lá vem os “filhim” da mamãe(2x) Lá vem devagar mas vem/lá vem os “filhim” da mamãe (2x)

**VI. CREDENCIAMENTO DE GRUPOS POPULARES E TRADICIONAIS PARA
COMEMORAÇÕES DO DIA 13 DE MAIO - EDITAL N.º 2/2017 -
PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERABA**

Credenciamento de propostas de grupos populares e tradicionais para Comemorações do dia 13 de maio segundo o Edital de Chamada Pública n ° 02/2017. Porta Voz nº 1509, Uberaba, 10 de maio de 2017. Disponível em:

<http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/galeriaarquivosd,portavoz,arquivos,2017>

IVALDO ALVES CARDOSO	Terno de Congada Minas Brasil I
WALKIRIA ALDAIRA SILVA	Terno de Congo São Benedito e Nossa Senhora do Rosário Camisa Branca Penacho da Ema
AVELINO APARECIDO DIONISIO	Terno de Congada Batalhão do Norte II
CARLOS LÚCIO GOMES DOS SANTOS	Terno de Congada Minas Brasil II
KÁTIA GARCIA PORFIRIO	Terno de Congada José do Patrocínio
JOÃO NEVES DOS SANTOS JÚNIOR	Terno de Congo Pavão Dourado Africano Casa de São Benedito na Cruzada de Xangô
JANAINA MARA DIONISIO DA SILVA	Associação de Congadas e Moçambique Afocés e Vilões de Uberaba
JOSÉ BRAZ FILHO	Conselho de Participação e Integração da Comunidade Afro Brasileira
LARYSSA FERNANDA URIAS	Terno de Congada Zé Baiano Associação de Ogans
JOSÉ ADRIANO	Terno de Quatro Pé Milagre de Nossa Senhora do Rosário
WASHINGTON LUIS DA SILVA CRUZ	Moçambique Camisa Rosa Moisés Mizael
JOSÉ REINALDO TEIXEIRA	Terno de Moçambique dos Palmares
JOSÉ LUIZ DOS SANTOS FILHO	Afoxé Ilé Asé Elegbo
JOSÉ RUBENS LEAL FELIX	Batalhão da Nossa Senhora do Rosário
BRUNO RAFAEL DA SILVA	Terno de Congada dos Carijós
AMANDA DE JESUS HONORATO	Terno de Congada Penacho
JOSÉ GABRIEL DE OLIVEIRA	Moçambique Cruzeiro do Sul
JOSÉ DIVINO DE OLIVEIRA	Terno Batalhão do Norte I
EDILENE APARECIDA	Casa de Fraternidade Nossa Senhora do Rosário
CLÁUDIO BERNARDES DE SOUSA	Águas 2000

**VII. RELAÇÃO DE TERNOS DE CONGOS, MOÇAMBIQUES, AFOXÉS E
VILÕES - ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA**

Relação dos Ternos de Congo, Moçambique, Afoxés e Vilões presentes na publicação *Oficina de Congos e Moçambiques*, da Fundação Cultural de Uberaba/Arquivo Público de Uberaba/Ministério da Cultura. Uberaba, 2000.

Terno de Congada José do Patrocínio	Presidente Augusto Juliano dos Santos	Rua Rosa Manzan, 454 – Jardim Espírito Santo
Terno de Moçambique Cruzeiro do Sul	Presidente Elpidio Martins de Oliveira	Rua Nicolau Baldassari, 101 – Residencial Mangueiras
Terno de Congada Batalhão do Norte II	Presidente Avelino Aparecido Dionísio	Rua Enéias Guerra Terra, 737 – Apto. 2 – Jardim Uberaba
Terno de Congada dos Palmares	Presidente Jeovair Gomes Prata	Rua 23, 46 – Jardim Primavera
Terno de Congo Penacho	Presidente Sandra Aparecida de Jesus Sales Capitão Admilson Honorato	Rua Timbiras, 122 - Abadia
Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares	Presidente José Reinaldo Teixeira	Rua Itália, 840 – Bela Vista
Terno de Vilão Honorato II	Presidente Luzia Maria de Jesus Capitão João Vicente de Andrade	Rua Timbiras, 122 - Abadia
Terno de Congo São Benedito e Nossa Senhora do Rosário Camisa Branca Penacho da Ema	Presidente Azuir Valério Inocêncio	Rua Belém, 271 – Santa Marta
Terno de Moçambique Camisa Verde	Presidente Vicente Francisco da Silva	Rua Comandante Meira Júnior, 688 – Vila Militar
Terno de Congo Minas Brasil I	Presidente Maria Luzia Cardoso	Rua Tapajós, 65 – Mercês
Terno de Congada da Paz	Presidente Jurema Santos	Rua Geraldo Starling, 213 – Fabrício
Terno de Congada Batalhão do Norte I	Presidente Tereza Maria Dionísio dos Santos	Rua Antônio Luiz da Costa, 187 – Fabrício
Terno de Congo Minas Brasil II	Presidente Sinfrônio José da Silva Júnior	Rua Quito, 97 – Boa Vista
Afoxé da Oxum	Presidente Marlene Trindade Araújo	Rua dos Andradas, 777 – Bairro Abadia
Terno de Congada Carijós	Presidente Marambaia	Rua Capitão Domingos, 127 – Bairro Abadia
Terno de Moçambique Nossa Senhora do Rosário	Presidente Romilda	Rua Duque de Caxias, 44 – São Benedito
Terno de Congada Santa Isabel	Presidente William Alberto de Souza	Rua Calixto Alves de Souza, 420 – Gameleira I
Terno de Moçambique Nicolau Mateus	Presidente Wellington Xavier Alves	Rua Ponta Grossa, 665 – Valim de Melo III
Terno de Vilão Carrim Tuaia	Presidente Joaquim Duarte de Jesus	Rua 2, 330 – Vila Esperança
Terno de Congo Batalhão Nossa Senhora do Rosário	Presidente Rubens Félix	Rua Garibaldi de Cunha, 71 – Leblon
Terno de Moçambique Moisés Mizael	Presidente Moisés Mizael	Rua Antônio Rios, 1214 – Santa Marta

VIII. CÓPIA DIGITAL DO RELATÓRIO E DOS ANEXOS (CD)